Universidade Federal do Pará
Instituto de Ciência da Arte
Faculdade de Artes Visuais
Curso de Bacharelado em Museologia

Emilly Cristine Barbosa dos Santos

PÚBLICO FAMILIAR NO PARQUE ZOOBOTÂNICO DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

Belém-PA
2014

Emilly Cristine Barbosa dos Santos

PÚBLICO FAMILIAR NO PARQUE ZOOBOTÂNICO DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de Bacharelado em Museologia, Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal do Pará.
Área de Concentração: Museologia e Educação
Orientador: Prof. Msc. Luis Tadeu da Costa

Belém-PA
2014

Emilly Cristine Barbosa dos Santos

PÚBLICO FAMILIAR NO PARQUE ZOOBOTÂNICO DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de Bacharelado em Museologia, Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal do Pará.
Área de Concentração: Museologia e Educação
Orientador: Prof. Msc. Luis Tadeu da Costa

Data de Aprovação:
Banca Examinadora:

_____
Msc. Luis Tadeu da Costa
Instituição: Universidade Federal do Pará

_____
Msc. Marcela Cabral
Instituição: Universidade Federal do Pará

_____
Msc. Ana Cláudia dos Santos da Silva
Instituição: Museu Paraense Emílio Goeldi

Belém-PA
2014

AGRADECIMENTOS

No decorrer da minha vida acadêmica, muitas pessoas estiveram presentes ao meu lado contribuindo direta ou indiretamente para que alcance tal intento. Sob uma ordem cronológica, reconheço todos os esforços de meus pais para que eu ingressasse em uma universidade. Agradeço à minha mãe, Edna Santos, que nunca me deixou desistir dos meus objetivos e sempre esteve ao meu lado nos momentos mais nevrálgicos.

Agradeço aos meus irmãos, Ellen Santos e Ellison Santos, os quais me ajudaram não somente na elaboração deste trabalho, mas também, estiveram disponíveis para me auxiliar nos meus trabalhos acadêmicos. E também ao meu cachorro querido que tem me demonstrado muito carinho,Snoopy Santos.

À minha turma do curso de Museologia-2010, na qual pude aprender a compartilhar não somente momentos difíceis, mas também enfrentar todos os desafios de um curso intervalar. Bernadete Cardoso, Bernardo Costa, Carlos Ribeiro, Eber Cardoso, GlêiceStefani, HaneyCutrim, Jéssica Paiva, Larisse Rosa, Mariana Trindade, Raul Azevedo, Renata Rodrigues, Tayane Aleixo, Luis Monteiro, Celiane Araújo, Claudiane Duarte, Ananaira Garcia, César Augusto, muito obrigada.

Não poderia deixar de agradecer ao meu grupo de trabalhos acadêmicos,ChistianeSantos e Doriene Trindade, com as quais compartilhei reflexões sobre as disciplinas que constituíram o curso de Museologia, além de suportarem todo o stress no decorrer das aulas e trabalhos.

Bruna Antunes agradeço à amizade construída ao longo destes 4 anos, a qual certamente levarei para a minha vida inteira. Kaliane Barros, obrigada por participar de todo o processo da construção deste trabalho, compartilhamos reflexões e angústias sobre o TCC juntas.

Agradeço à professora Helena Quadros que abriu as portas do Museu Paraense Emílio Goeldi à Kaliane Barros e a mim, nos oferecendo oportunidade em atuar voluntariamente no Núcleo de Visitas Orientadas ao Parque Zoobotânico do Museu Goeldi e, posteriormente, por ter me apresentar à professora Ana Cláudia Silva, minha

orientadora na primeira pesquisa que compõe este trabalho, à qual também sou grata por trilhar junto comigo este estudo.

À minha orientadora Lúcia Santana que me estimulou a refletir com novos olhares sobre minha pesquisa e sempre esteve disposta a me ajudar em todos os momentos desse caminho. E, também, por compreender as minhas ausências no MPEG nesses últimos meses.

Ao Museu Paraense Emílio Goeldi por me proporcionar esta pesquisa por meio do PIBIC. Em especial o NUVOP e CMU, setores no qual me acolheram e me apoiaram durante a pesquisa.

Ao meu orientador Luis Tadeu Costa que me mostrou o caminho para a elaboração deste TCC.

Agradeço em especial as famílias que participaram da pesquisa, por acreditarem na importância desse estudo e confiarem em mim, enquanto pesquisadora. Elas são de fato a razão deste trabalho.

E, então, agradeço ao pilar da minha vida, à Deus. Este acreditou mais do que eu no fato de conseguir levar a cabo este projeto.

Obrigada!

RESUMO

Dentro da cadeia de visitantes do Parque Zoobotânico Museu Paraense Emílio Goeldi destaca-se o público familiar, com o qual o Museu apresenta um forte laço. O Parque do Museu Goeldi, localizado no centro de Belém, capital do Pará, se constitui para o público familiar como um espaço de construção da identidade sociocultural. Esse processo é engendrado a partir das singularidades de um ambiente bucólico que o Parque apresenta com a fauna e flora típicas da região amazônica inserido no contexto urbano. Além disso, as ações educativas desenvolvidas desde a direção de Emílio Goeldi na instituição, as quais apresentavam como principal objetivo atrair o público geral para a visitação ao Museu também foram importantes para a construção desse vínculo. Nesse sentido, a pesquisa buscou apontar as representações do público familiar sobre o Museu Goeldi a partir das experiências de visitas, para, desse modo, compreender como as famílias percebem o Museu Goeldi. De modo geral, as entrevistas com os participantes da pesquisa possibilitaram notar como o Museu Goeldi está presente no cotidiano das famílias belenenses, constituindo-se como um lugar suscetível de múltiplas experiências e lembranças, criando, conseguintemente, múltiplos significados e representações. Apreende-se com isso que as primeiras visitas ao Parque Zoobotânico se iniciam no seio familiar, desde a infância, sendo isso, um hábito passado de geração para geração, engendrado por meio de experiências dinâmicas e espontâneas. *Família*, *liberdade*, *tranquilidade*, *reflexão* são algumas das representações atribuídas ao Museu Goeldi, a partir das quais compreende-se que as práticas de sociabilidades no Parque Zoobotânico se desenvolvem a partir do compartilhamento familiar de saberes e experiências.

Palavras-chave: Museu Paraense Emílio Goeldi, Público Familiar, Representações.

Lista de Imagens

Imagem 1: Família visitando o PZB 24
Imagem 2: Famílias visitando o recido dos peixes 50
Imagem 3: Famílias visitando o recinto dos macacos 51
Imagem 4: Aquário Jacques Huber 60
Imagem 5: Cutia 61
Imagem 6: Castelinho 62
Imagem 7: Espaço Raízes 63
Imagem 8: Jacaré-Açu 64
Imagem 9: Macaco 65

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS 12
Capítulo I 15
1.1 DA ASSOCIAÇÃO FILOMÁTICA AO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI 16
1.2. AS FAMÍLIAS PARAENSES E O PARQUE ZOOBOTÂNICO 19
1.3. PESQUISAS DE PÚBLICO NOS MUSEUS 25
Capítulo II: **MUSEU E PÚBLICO: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA** 31
2.1. MUSEU EM PROCESSO 31
2.2. PÚBLICOS NOS MUSEUS 35
2.3. A COMUNICAÇÃO COMO PROCESSO MUSEOLÓGICO 41
CAPÍTULO III: AS FAMÍLIAS NO PARQUE ZOOBOTÂNICO DO MUSEU GOELDI 45
3.1 QUESTIONÁRIO: CONVITE À ENTREVISTA 47
3.2 ENTREVISTAS 50
3.2.1 AS EXPERIÊNCIAS DE VISITAS 54
3.2.1 Imagens 59
3.2.3 Significados 66
3.2.4 REPRESENTAÇÕES 69
CONSIDERAÇÕES FINAIS 71
REFERÊNCIAS 75
APÊNDICE 86

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A partir do curso de graduação em Museologia da Universidade Federal do Pará, a pesquisadora realizou atividades voluntárias em eventos e projetos realizados pelo Núcleo de Visitas Orientadas ao Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi, aqui denominado também de NUVOP, vinculado ao Setor Educativo que, por sua vez, compõe a Coordenação de Museologia deste Museu. Assim, a estudante foi convidada a pleitear uma bolsa do Programa de Iniciação Científica do Museu Paraense Emílio Goeldi, percebendo a necessidade de desenvolver, no âmbito do Museu Goeldi, pesquisas de cunho qualitativo sobre o público familiar que frequenta o Parque Zoobotânico. Este projeto de pesquisa foi vinculado primeiramente ao programa do *Jardim Botânico vai à Escola*, e posteriormente foi atrelado ao projeto de *Museologia, Educação e Sustentabilidade*.

Dentre as diversas tipologias de público que visitam os museus, destaca-se o público familiar, o qual se apresenta em grande parte das instituições museológicas como um dos principais públicos que compõem esses espaços. No Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi o público familiar é também acentuado como um dos principais visitantes.

Ressalta-se que o público do Parque Zoobotânico, aqui designado como PZB, começa a ser mencionado desde os relatórios de Emílio Goeldi, iniciados em 1894, até a tese de Nelson Sanjad (2010). Nesses documentos são tecidos comentários sobre quantificação, comportamento, vestes e hábitos do público no início do século XX. Destaca-se nesses trabalhos a visitação como um processo de estratificação social, notando que o Museu era aberto às quintas-feiras e aos domingos para o público em geral e às terças-feiras eram destinadas às famílias da elite da época.

O estudo de público no Museu Goeldi quanto categoria mais analítica foi iniciado na década de 90, no qual se começou a discutir o plano de manejo do Parque. A quantificação e o controle da visita pública foi o principal mote deste estudo. Nesta perspectiva, pode-se citar a pesquisa realizada pelo curso de Turismo da Universidade Federal do Pará na disciplina de Marketing em 1999, o relatório produzido pelo Instituto de Ensino Superior da Amazônia em conjunto com o MPEG

sobre o público no ano de 2007, o trabalho da bolsista PCI Ana Cristina Cutrim da Coordenação de Museologia que vem atualmente desenvolvendo uma pesquisa focando a quantificação e o processo de atendimento, e a Ouvidoria. Entretanto, não foi identificado nenhum levantamento a priori das tipologias de públicos que visitam o Parque do Museu Goeldi e, tampouco, sobre o vigente público, embora seja constatada nos discursos dos profissionais deste Museu a expressividade da presença do público familiar no PZB, principalmente aos finais de semana.

O estudo do público familiar não é tão focado nas pesquisas contemporâneas realizadas no âmbito do MPEG. No entanto essa modalidade é uma categoria analítica que vem sendo estudada principalmente por Paulette McManus (1994), Denise Studart (2003) e Elaine Frenkel (2012), entre outros, que vêm contribuindo com reflexões acerca das interações, das experiências e interpretações dos públicos que frequentam os museus.

Portanto, o referido trabalho toma como base a importância das instituições museológicas em conhecerem os públicos que estão direta ou indiretamente construindo-as, de modo a desenvolver uma relação mais estreita com esses públicos. Cabe, pois, ao museu questionar-se sobre os anseios, as necessidades, as concepções e os argumentos da sociedade. As ações fundamentais do museu - comunicação e educação - que partem de um processo dialógico, tornam-se viáveis, pois tais ações são entendidas como um processo cultural que ocorre a partir das trocas de saberes e experiências.

Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo identificar as representações do público familiar sobre o Museu Paraense Emílio Goeldi, a partir das experiências de visitas. Portanto, o trabalho é composto por três capítulos, sendo o primeiro (Museu Goeldi e o Público Familiar: Laços de Identidade) referente ao histórico do MPEG e ao processo de construção da identidade do público familiar com o Museu, apresentando, ainda, o pensamento teórico sobre o *estudo de público* e sobre o conceito de *família*.

No segundo capítulo, intitulado “Museu e Público: uma relação necessária”, busca-se pontuar como foi desenvolvida, no âmbito da história dos museus, a noção de público sob uma perspectiva comunicacional e museológica. Este capítulo apresenta concepções acerca de público de museus e comunicação museológica.

Por fim o capítulo, com o título “As Famílias no Parque Zoobotânico do Museu Goeldi”, debruça-se na reflexão do processo metodológico utilizado para a

coleta de dados, bem como a exposição das análises e reflexões dos resultados de campo.

Assim, a pesquisa busca contribuir para conhecer melhor como são estabelecidas as relações de sociabilidade do público familiar no ambiente do Parque Zoobotânico do Museu Goeldi, de modo a compreender como são vivenciadas as experiências de visitas deste público.

CAPÍTULO I: MUSEU GOELDI E O PÚBLICO FAMILIAR: LAÇOS DE IDENTIDADE

O Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), localizado em Belém do Pará, região Norte do Brasil, é uma instituição vinculada diretamente ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e é constituída de 3 bases – o Parque Zoobotânico (PZB); o Campus de Pesquisa e a Estação Científica Ferreira Penna. Toma-se como cenário desta pesquisa o Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi, o qual é a base mais antiga da instituição com 5,2 hectares. Nele funcionam a diretoria, a administração e a Coordenação de Comunicação e Extensão.

Este estudo insere-se na Coordenação de Museologia (CMU) do referido Museu, cuja função principal é a socialização e difusão do conhecimento científico por meio de realização de ações educativas, expositivas e programas de capacitação. Para tanto, esta coordenação abrange o Núcleo de Museografia e o Serviço de Educação e Extensão (SEC).

É importante para este trabalho perceber que o Museu Goeldi está presente na memória da sociedade desde o surgimento da instituição (1871), devido, principalmente, às ações desenvolvidas na direção de Emílio Goeldi, que aliado ao ambiente bucólico em meio à região urbanizada de Belém atraiu a “simpatia do povo” (SANJAD, 2012). Possas (2005) registra crescimento expressivo da frequência de visitação nos museus entre os séculos XIX e XX. Neste período Emílio Goeldi relata a quantidade de visitação que o Parque Zoobotânico recebia, cujo índice de aumento era mais expressivo a cada ano:

> O Museo Estadoal creou raiz e adquirio positiva sympathia por parte do povo, havendo entre os visitantes muitos frequentadores regulares e assiduos, que logicamente consideramos como causa efficiente da surpreendente constancia numerica (GOELDI, p. 51, 1897).

O sentido de identidade que o referido Parque adquiriu ao longo do tempo reflete-se no imaginário do povo belenense, ao ser, peculiarmente, conhecido simplesmente como *Museu* pelos moradores. Esse laço afetivo é perceptível, sobretudo, no público familiar do Parque Zoobotânico do Museu Goeldi. Por isso, é relevante atentar-se para o processo de implantação desse Museu no Estado.

1.1 DA ASSOCIAÇÃO FILOMÁTICA AO MUSEUPARAENSE EMÍLIOGOELDI

A transferência da Família Real (1808), a Abolição da Escravidão (1888), a Independência e o advento da República (1889) foram elementos fundamentais para o processo de criação e de desenvolvimento dos primeiros museus brasileiros.

A partir da implantação do sistema republicano no Brasil assiste-se a um fortalecimento da ciência brasileira, a qual já vinha sendo desenvolvida, significativamente, desde o Império, com a vinda da família real, engendrada pelo crescimento econômico e pela imagem da nação. Como resultado dessa valorização da ciência ocorreram criações e reformas de museus, laboratórios, faculdades e outros do gênero (SANJAD, 2010).

Ressalta-se que o MPEG surgiu na “era dos museus públicos e nacionais” (SCHWARCZ, 1993, p. 68), na qual foi desenvolvido o caráter científico dos museus, sobretudo no campo etnográfico, sendo importante para a consolidação do *espírito comemorativo* disseminado durante o século XIX ao redor do mundo com a Revolução Francesa, ganhando força no Brasil a partir da Independência e consolidando-se no início do século XX.

Ainda na época do Império já se percebia a necessidade de um museu no Pará. Com o abalo da revolta da Cabanagem (1835-1840), o governo promoveu a restituição do Estado, era necessário, para tanto, manter a população ocupada e instruída, evidenciando a autoridade do governo ao qual o povo deveria manter respeito, a fim de evitar o ressurgimento desse tipo de revolta. Compreendiam-se, então, as instituições museológicas e outras do gênero como meio do governo promover a instrução do povo e restituir o ‘civismo’ na sociedade.

A partir da conferência de Louis Agassiz[1], realizada durante a expedição entre 1865-1866, em Belém, na qual ele ressaltou a necessidade de um museu no Estado, Domingos Soares Ferreira Penna[2] promoveu no dia 2 de agosto de 1866 a reunião que culminou na fundação da Associação Filomática, a qual, com o apoio do Partido Liberal, apresenta como principal missão fundar e manter um museu voltado

[1] Professor suíço que organizou uma expedição ao Brasil entre os anos de 1865 – 1866.
[2] Naturalista brasileiro de Minas Gerais assumiu, a partir de 1858, a Secretaria de Governo da província do Grão-Pará e foi o principal fundador do Museu Paraense Emílio Goeldi.

para a “história natural” e para os “artefatos indígenas”, então denominado “Museu Paraense”, que foi fundado em 6 de outubro do mesmo ano (SANJAD, 2010).

Oficialmente, o Museu foi instalado em 25 de março de 1871, auge da *Belle Èpoque*, tendo como diretor Ferreira Penna, foi assentado na questão de “utilidade pública”. A instituição foi promovida devido à importância de se ter espaços que fomentem o ensino e a instrução para o progresso da nação, sendo a função do governo provê-la a partir de liberação de verba.

No entanto, o Museu sofreu com muitas adversidades, devido, principalmente à falta de verba, sendo fechado em 1888. Com a administração de José Veríssimo na Diretoria Geral de Instrução Pública do Estado, foi promovida a criação de espaços educacionais e culturais no estado, com intuito de fomentar o *espírito nacionalista* que estava emergindo a partir da Proclamação da República. Para tanto, percebeu-se a necessidade da reestruturação das bases educacionais voltadas para a *educação nacional*, como refere Sanjad (2010, p. 149) sobre Veríssimo “o único meio para ‘reformar’ um povo seria a educação, no mais largo sentido. Essa educação, contudo, deveria ser moldada tendo em vista a construção do ‘espírito nacional’”. Sendo assim, a “reforma do povo” era a finalidade basilar da Diretoria de Instrução Pública do Pará, de modo a suscitar as noções de civismo e patriotismo no seio da sociedade.

Tal situação foi fruto, como se pode notar, do processo de Independência do Brasil, para o qual a “construção ritual e simbólica da nação” (CHAGAS, 2006, p. 32) tornou-se fundamental. Para tanto, a reestruturação do país foi imprescindível, não apenas no setor político-administrativo, mas também uma regeneração no sentido de país como nação, construtora da própria história, memória e identidade. Mário Chagas resume o panorama museológico no Brasil do século XIX, evidenciando que os museus:

> Colaboram com o projeto de construção ritual e simbólica da nação; organizam discursos com base em modelos museais estrangeiros; buscam dar tempo a um sonho de civilização bem-sucedida; guardam e às vezes apresentam sobejos de memórias dessa matéria de sonho (CHAGAS, 2006, p. 44).

Nesse contexto, o Museu Paraense foi reinaugurado com o decreto estadual nº 335 de 1891 (SANJAD, 2010), não apenas para desenvolver estudos sobre a natureza e a etnografia amazônica, mas também de se ter no cenário

paraense uma instituição propulsora de instrução educacional. Com isso, é atribuída ao Museu Paraense uma função política e educacional.

Para estruturar o Museu Paraense de acordo com as modernas normas científicas de uma instituição museológica da época realizou-se a contratação de Emílio Goeldi. O zoólogo suíço formado pela Universidade de Jena, na Alemanha, desembarcou no Brasil em 1884 para trabalhar no Museu Nacional do Rio de Janeiro até o ano de 1890.

Com a admissão de Emílio Goeldi no cargo da Direção da instituição, em 9 de junho de 1894, foi possível ter em Belém um Museu nos moldes modernos do século XIX com duas funções fundamentais – educar e investigar. Sendo assim, o então diretor realizou inúmeras mudanças tanto estruturais quanto administrativas, dentre elas está a instalação do Parque Zoobotânico do Museu Paraense Goeldi.

Ainda pode-se apontar como modificações realizadas na direção de Goeldi a contratação de vários cientistas e a exploração da região amazônica por naturalistas para coleta de mostras da fauna, flora e das comunidades amazônicas, formando importantes coleções na área da Zoologia, da Botânica, da Geologia e da Etnografia. A partir de então a instituição ganhou notabilidade internacional enquanto um centro de pesquisa em diversas áreas, desde a Geografia, Geologia, Zoologia e Botânica, incluindo Arqueologia, Meteorologia e Etnologia.

Todavia, a estagnação da Borracha, principal fonte econômica do Pará, causou uma profunda crise financeira na Amazônia, afetando diretamente o então Museu Paraense. Somente em 1930, na ditadura de Getúlio Vargas, o Parque Zoobotânico foi visto como um espaço de lazer para a população, trocando o nome de Museu Paraense para Museu Paraense Emílio Goeldi. Nessa década grande parte dos investimentos da instituição esteve voltada para ampliação do Parque Zoobotânico, tendo, então, uma importante visibilidade nacional.

Ao longo da história do Museu Goeldi muitas crises do Estado atingiram a instituição, fazendo com que passasse por períodos sem recursos para manutenção das pesquisas e sequer de pesquisadores. Contudo, as pesquisas desenvolvidas, bem como o valoroso acervo que abriga e o forte afeto por parte do público formam fundamentais para a continuidade do Museu.

Atualmente, o Museu Paraense Emílio Goeldi apresenta como principal papel difundir a ciência, a tecnologia e a educação na região amazônica, de modo a promover a preservação do patrimônio cultural das comunidades amazônicas. Esta

instituição é responsável por um importante acervo da região, adquirido ao longo dessa história. O Museu busca, dessa forma, promover ações que possibilitem a preservação do patrimônio cultural amazônico a partir de um processo dinâmico e integrado à comunidade.

1.2. AS FAMÍLIAS PARAENSES E O PARQUE ZOOBOTÂNICO

A fim de ampliar o acervo do Museu, bem como construir um zoológico e horto botânico, Emílio Goeldi buscou com que a instituição adquirisse novas instalações. O diretor escolheu uma edificação cercada por um amplo terreno arborizado e distante do centro da cidade, área comum naquela época na cidade de Belém. As denominadas *Rocinhas*, primeiramente foram destinadas a estadias de famílias elitizadas que buscavam sossego e tranquilidade longe do centro urbano. Todavia, a partir da ampliação da urbanização da cidade essas áreas foram servindo de moradia permanente para muitas famílias.

Foi assim que em agosto de 1895 a antiga Rocinha se tornou o atual Parque Zoobotânico do Museu Goeldi, localizado na Avenida Magalhães Barata, nº 376, bairro de São Brás. Essa área se configurou durante o século XIX em uma “colônia científica” (GOELDI apud SANJAD, 2010, p. 186), possuindo além do jardim zoológico e do horto botânico, espaços para oficinas, laboratórios e moradias de funcionários. Ao final das aquisições das áreas adjacentes à Rocinha iniciou-se a revitalização do Parque Zoobotânico, com a qual Goeldi buscou reproduzir uma paisagem européia, como descreve Sanjad (2010, p. 188) “[...] ali, apenas vegetais e animais eram amazônicos; o restante, Europa transplantada”.

O Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como um Patrimônio Arquitetônico e Paisagístico. Este Patrimônio apresenta edificações do século XIX e início do século XX. Além disso, este espaço reproduz os 03 ecossistemas amazônicos – a floresta de terra firme, as matas de igapó e as matas de várzea – compondo um conjunto paisagístico formado por monumentos, lagos, vegetações, entre outros. Este Parque se insere na categoria de Jardim Botânico, classificação

instituída pela Resolução 266 do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) em 3 de agosto de 2000, integrando-se à Rede Brasileira de Jardins Botânicos.

O Parque Zoobotânico é o espaço do Museu Goeldi aberto à visitação, tendo como principais funções a educação, a preservação e o lazer. Tem-se nesse espaço o encontro da história, da ciência, da natureza e da cultura amazônica, em um cenário constituído de espécies bastante representativas da fauna e flora da região.

Com a atual Revitalização do Parque Zoobotânico, que está sendo desenvolvida há cerca de 20 anos, busca-se introduzir neste espaço a ideia de Bioparque, a qual se refere à valorização da interação dos elementos da fauna e flora, de modo a aproximar os visitantes à realidade dos ecossistemas da Amazônia, fomentado relações interdependentes, interativas e dinâmicas entre o espaço e as comunidades.

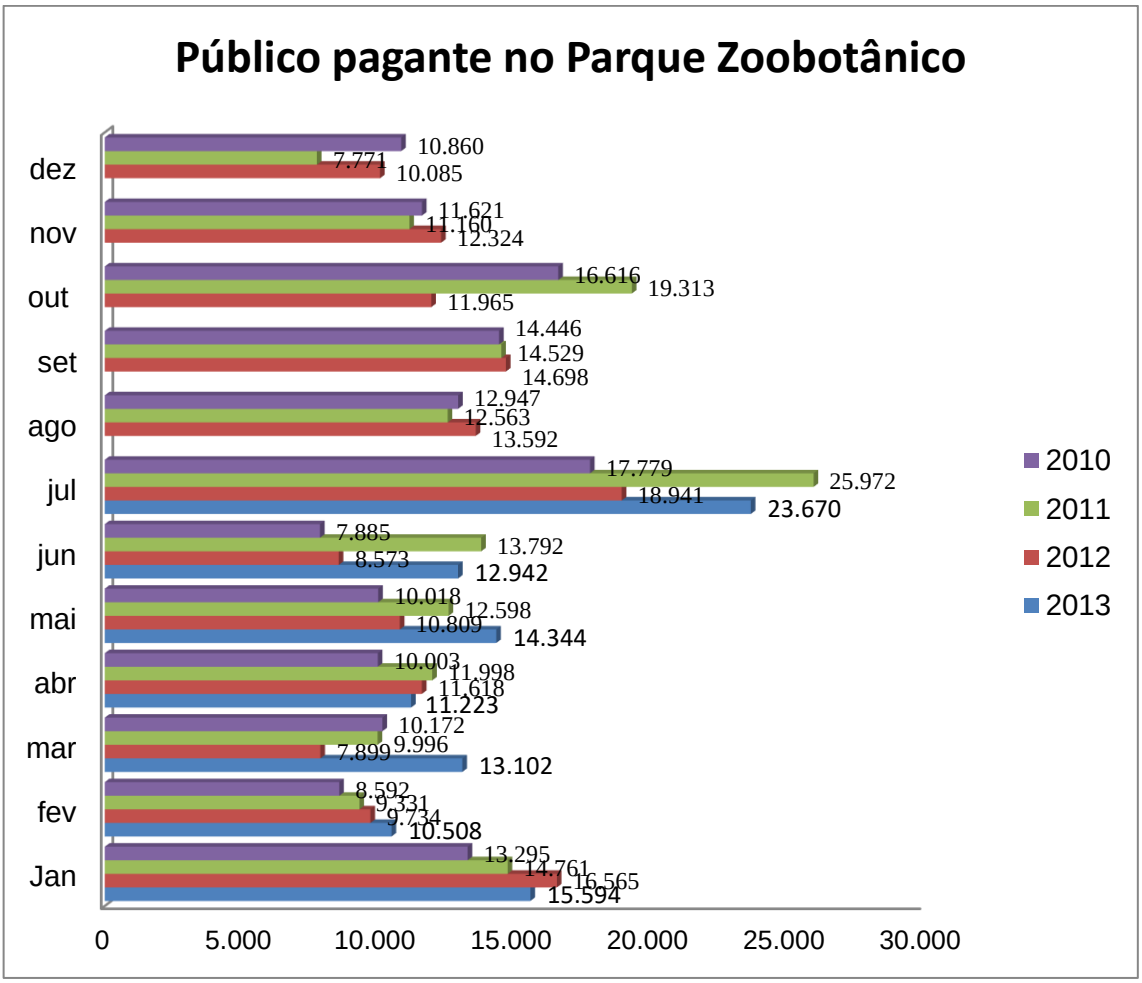
Notou-se ao longo do tempo como o Museu Paraense atraia visitantes de todos os gêneros e classes às quintas-feiras e aos domingos – dias reservados para abrir o Museu ao público. Tal situação era comum naquela época, como esclarece Valente (2003, p. 33) “[...] o acesso do grande público só ocorria aos domingos e, por vezes, um dia na semana”.

Ressalta-se que desde a instalação do Parque criou-se um costume de visitá-lo aos finais de semana e feriados junto com a família, para ver as exposições ou os animais e plantas amazônicos, ou, puramente, para desfrutar do ambiente bucólico e acolhedor. Todavia, em contraponto a essa visão de uma instituição democrática a serviço da educação da população e da investigação científica, Goeldi criou, em 1902, o *dia da família* de modo a satisfazer as exigências de famílias da camada mais alta da sociedade que estavam incomodadas com os “maus hábitos” (SANJAD, 2010, p. 194) do público, os quais não respeitavam o sossego do Parque. Para o *dia da família* o Museu ficou aberto em mais um dia da semana, as terças-feiras, além das quintas-feiras e domingos, sendo destinados ao “público *sensato*” (SANJAD, 2010). O acesso nesse dia da semana estava restrito às “pessoas acompanhadas de suas respectivas famílias e convenientemente vestidas” (ibid., p. 194).

Nota-se no início da criação do Museu Goeldi o reflexo das formas sociais, econômicas e políticas do século XIX. Sanjad (2010) atenta que pode-se observar as formas de apropriação do Parque Zoobotânico de acordo com as diferentes camadas sociais “se por um lado o ‘povo’ acotovelava-se, amontoava-se para ver os animais,

por outro as ‘famílias’ frequentavam o museu em passeios, usufruindo a estética civilizada e cosmopolita da colônia erguida por Goeldi” (SANJAD, 2010, p. 194).

Atualmente o Parque Zoobotânico é um dos principais espaços de visitação da região metropolitana de Belém. Aberto de terça-feira a domingo, ele recebe diferentes públicos como comunidades escolares, turistas, idosos, grupos comunitários, famílias, dentre outros. No gráfico abaixo é possível observar o quantitativo de público pagante do Parque Zoobotânico contabilizado por meio da bilheteria na pesquisa de PCI-DD de Ana Cristina Cutrim (2013).



Fonte: Ana Cristina Cutrim, 2013

No Plano Diretor do Museu Goeldi (2006) é pontuado na área de Comunicação, Informação e Educação que a instituição deve promover a ampliação e a consolidação da comunicação com os diversos públicos. Tal função tem como intuito disseminar os conhecimentos produzidos pelas diferentes áreas científicas, bem como divulgar o acervo museológico, valorizando a diversidade natural e cultural

da Amazônia. Dessa forma, o Museu busca se fortalecer como referência na educação e na comunicação científica regional, para assim, se tornar, no cenário amazônico, uma instituição democrática e difusora de conhecimento científico, a partir de um processo dinâmico e integrado com a sociedade.

A Coordenação de Museologia do Museu Goeldi vem trabalhando sob a perspectiva da Museologia Social. Nesse sentido, a coordenação alicerça-se na “[...] nova matriz museal que destaca o patrimônio, o território e a comunidade [...]” (SANTANA, 2012, p. 55). Posto isso, o museu busca envolver as comunidades locais no plano museológico, tendo como base “[...] os princípios, os valores, os conhecimentos, as técnicas e os saberes do fazer museal [...]” (SANTANA, 2012, p. 54) inerentes de cada território.

Tomando como fundamento a Carta de Caracas de 1992 que propõe ao museu um “[...] papel protagónico”, no qual é responsável pela participação ativa “no processo de recuperação e socialização dos valores de cada comunidade” (CADERNOS, p. 242) a Museologia Social concebe o museu como instrumento e agente de desenvolvimento social, estando presente no cotidiano da comunidade que está imerso. Sob essa perspectiva, a Coordenação de Museologia visa enquanto uma das linhas de ação o *Estudo de Público*, de modo a conhecer as características dos públicos que frequentam o Museu Goeldi a partir da ótica da interpretação e do uso que estes fazem do espaço museológico.

Percebe-se, então, a importância para a Museologia Social de conhecer os públicos de modo a abranger as diversas linguagens. Para tanto, “o papel do museólogo, neste novo contexto, será o de organizar o discurso museal, gerar formas de comunicação, promover a participação comunitária, avaliar as acções do museu” (CONSTANCIA, 1993, p. 65).

O público familiar é um dos públicos mais presentes nas instituições museológicas e, em relação ao PZB do MPEG, ele é essencial para o processo museológico. Isso é consequência do hábito de visitação dos belenenses a este espaço, que se inicia no seio familiar. Frenkel (2012, p. 20) percebe que as famílias “são responsáveis pela construção de um hábito de visitação a museus”. E, ainda, Studart (2003, p. 33) ressalta sobre a importância da família em ambientes museológicos: “os grupos familiares desempenham um papel importante na construção de um público constante nos museus”.

Cabe, sob essa ótica, trazer para a discussão a importância do Museu Goeldi para público familiar paraense. Esta pesquisa tem como foco famílias que residem na região metropolitana de Belém, ao Norte do Pará e que visitam o Parque Zoobotânico do Museu Goeldi aos finais de semana.

É válido enfatizar que, segundo Prado (1981, p. 12), a família "não é um simples fenômeno", o termo – *família* – advém do latim *famulus*, que significa "dependentes de um chefe ou senhor" (PRADO, 1981, p. 51). Frisa-se que a família é uma instituição única e a "menor célula organizada da sociedade" (PRADO, 1981, p. 23) e tem como característica o elo afetivo e/ou consanguíneo.

Compreende-se que a família é uma entidade presente na evolução humana, apresentando uma forte habilidade de adaptação às transformações da sociedade. Para Prado (1981, p. 12) "[...] ela é uma instituição social variando através da História e apresentando até formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar". As transformações na organização familiar ocorrem devido às mudanças sociais, à cultura e ao contexto histórico.

Nesse contexto, a pesquisa toma como público familiar um contingente de pessoas de número variável, que eventualmente visita o Parque Zoobotânico do Museu Goeldi em conjunto, essas pessoas apresentam laços consanguíneos ou afetivos e compartilham da cultura local. Ressalta-se que durante a pesquisa levou-se em consideração as mudanças sociais contemporâneas, entendendo, assim, que as famílias brasileiras apresentam uma configuração bastante heterogênea. Portanto, pode-se observar que os rearranjos familiares "[...] apresentam uma razoável diversidade em termos de composição e de organização" (FRENKEL, 2012, p. 25).

Nesse sentido, o vigente estudo buscou abranger esses diferentes arranjos familiares, de modo a identificar como o Museu é representado enquanto lugar de 'memória' a partir das diversas formas de relações de sociabilidade estabelecidas no ato da visitação das famílias da região, fator fundamental para notar-se o forte laço identitário dos paraenses com a instituição. Na aplicação da pesquisa foram abordadas várias tipologias de constituições familiares, desde famílias nucleares (pai, mãe e filhos); avôs e netos, perpassando por outros membros da família, por exemplo: tios e sobrinhos, e até mesmo casais sem filhos.

Imagem 1: Família visitando o PZB. Década de 70. Fonte: Nostalgia Belém.

É nessa perspectiva que a vigente pesquisa busca colaborar para a compreensão das relações entre o público familiar e o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), apontando como este Museu está presente na memória coletiva desse grupo a partir das representações sociais. Além disso, a pesquisa visa abranger o modo que é realizado as redes de sociabilidades estabelecidas pelas famílias nesse espaço.

Tem-se em vista, portanto, que compreender as necessidades, as concepções, relações sociais do público é o meio e o fim de qualquer ação museológica voltada à participação da comunidade, de modo que esta construa uma identidade a partir das próprias práticas culturais, tendo o museu como espaço de fruição e compreensão da realidade. Nesse sentido, as ações museológicas devem buscar suscitar nos participantes o sentido de agentes transformadores do contexto do qual fazem parte. Essas ações são fundamentais para a inserção e percepção das instituições museológicas no âmbito social.

1.3. PESQUISAS DE PÚBLICO NOS MUSEUS

A partir das discussões nos fóruns realizados, principalmente, no âmbito do Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM) o objeto de estudo da Museologia tornou-se *a relação do homem com a realidade*, denominado por Guarnieri (1990) de *fato museal*. A partir de então começou a abordar novos conceitos que delinearam a Museologia Social, abrangendo uma dimensão política, social e econômica. Nesse ponto é considerado que o museu enquanto fenômeno "[...] acompanha praticamente todo o processo de formação da cultura humana" (STRÁNSKÝ, 2008, p. 104). O museu busca unir o conhecimento científico à cultura plural, para, dessa forma, tornar a experiência humana integral.

Esse deslocamento do objeto de estudo da coleção para as relações humanas, abrange "[...] a relação do homem e a realidade; do homem e o objeto no museu; do homem e o patrimônio musealizado; do homem com o homem, relação mediada pelo objeto" (CURY, 2009, p. 29). Nesse contexto, a Museologia vem abordando temáticas voltadas para o estudo das diferentes relações do museu enquanto instituição para a sociedade, tendo nesse ponto a *função social* como arcabouço. Esta função é fundamentalmente educacional, com a principal finalidade tornar a preservação do patrimônio uma responsabilidade compartilhada entre a sociedade e o museu, ao passo que ele seja significativo para a memória e identidade desses sujeitos.

Toma-se, assim, "[...] os aspectos culturais, a influência dos museus e das coleções museológicas presentes nos museus para o público" (GREGOROVÁ, 1990, p. 47) como questões abordadas por essa veia da Museologia. Portanto, esse campo museológico requer tanto teorias, quanto práticas específicas para aplicação das pesquisas.

Com o desenvolvimento do caráter público dos museus, a partir do século XVIII, engendrando a função social, foi percebida a necessidade de se realizar pesquisas voltadas para a compreensão dos vários tipos de públicos que frequentam os museus. E, dessa forma, os museus buscam novas formas de mediação que propicie aos públicos a criação de novos sentidos para reconhecerem-se inseridos na instituição, tendo como consequência a produção de diferentes interpretações e significados.

A pesquisa de público apresenta como principal pretensão o auxílio no desenvolvimento de ações museológicas, apontando quais as necessidades, os anseios e os questionamentos da sociedade da qual o museu faz parte, bem como os comportamentos e as expectativas dos visitantes. Esse campo de estudo se faz necessário para todos os museus, pois se compreende que cada museu apresenta uma realidade diferente, sendo indispensáveis metodologias específicas.

Esses estudos iniciaram no século XX com o foco na descrição dos grupos visitantes, buscando, estatisticamente, definir os perfis e os comportamentos do visitante, de modo a mensurar a abrangência do objetivo das exposições. Essas pesquisas contribuíram para a percepção do museu nos moldes clássicos. Esses primeiros estudos foram direcionados para a análise do comportamento dos visitantes em exposições. Em seguida a avaliação do impacto das exposições sobre os visitantes ganhou força com os pesquisadores Derryberry e Gebhard (ARAÚJO, 2012).

Gradativamente, entretanto, esse tipo de pesquisa começou a voltar-se para as questões da experiência museal e do processo cognitivo desenvolvidos durante as visitas, percebendo que os públicos presentes nos museus são diversificados sob todos os aspectos. Nesse sentido “cada vez mais se defende que as investigações [...] sejam realizadas na perspectiva do visitante, das suas concepções, da sua agenda, de seus conhecimentos e interesses” (CAZELLI; MARANDINO; STURDART, 2003, p. 94). Essa linha compreende que a instituição museológica:

> [...] não se dirige a um público indeterminado, composto de visitantes anônimos. Sua razão de ser é estar a serviço de uma comunidade específica. O Museu vira ator e ferramenta do desenvolvimento cultural, social e econômico de um grupo determinado (SOARES, 2006, p. 57)

Nesse sentido, a pesquisa de público não se trata apenas de medir a habilidade do visitante de entender a proposta das exposições, tampouco da adequação comunicava dos módulos expográficos (KÖPTCKE, 2003). Na verdade, essa área de estudo deve inclinar-se para compreender como os públicos interpretam os museus e os assuntos tratados por eles, quais os questionamentos da sociedade, bem como quais os sentidos do tema abordado pelo museu para o cotidiano dos visitantes.

Assim, diz Araújo (2012), a partir da década de 1970 se desenvolveram pesquisas relacionando “[...] conceitos como percepção, aprendizado e memória com a experiência de visitação aos museus” (ARAÚJO, 2012, p. 43). Surgiram já na década de 1980 estudos de cunho comunicacional com Hooper-Greenhill (1999) e a teoria construtivista de McManus (1994), além da teoria da experiência museal de Falk e Dierking (1992).

Percebe-se que a pesquisa de público de museu está cada vez mais atraindo profissionais de diferentes áreas, de modo a produzir o próprio planejamento da instituição museológica, definir os programas e as formas de atendimento. Foi atribuída muita importância a esse campo ao ponto de tornar-se uma subárea ligada, geralmente, aos setores educativos. Nesse bojo, a pesquisa de público de museus apresenta trabalhos cada vez mais estruturados e sistematizados de forma dinâmica e crítica sobre a realidade da relação museu-público.

No campo de pesquisa de público o grupo familiar tem sido um dos principais focos de pesquisa, pois, segundo Denise Studart (2005, p. 56):

> [...] os grupos de famílias tornaram-se, especialmente nos Estados Unidos e na Europa, um importante público-alvo, devido ao papel educativo e à influência positiva que os familiares têm na formação dos hábitos culturais da criança.

E ainda, muitas publicações enfatizam o grande número de visitação de grupos familiares em museus, sendo, principalmente, os museus de ciência e zoológicos as principais instituições museológicas visitada por esse tipo de público.

Segundo McManus (1994) as famílias trabalham coletivamente para construir a “percepção familiar”, sendo que essa percepção é mediada por meio da experiência da atividade museológica. As instituições museológicas devem voltar-se para “[...] o papel que podem ter nos processos educacionais e de socialização envolvendo famílias” (STUDART, 2005, p. 56).Tal processo pode ser sustentado pela razão de que os processos educacionais e de socialização são mediados por meio da interação social, sendo a família o primeiro grupo que o sujeito vivencia a interação e a construção de conhecimento, gerada a partir do compartilhamento de experiências, interpretações e significados, registrados em narrativas e memórias familiares.

Com base nos levantamentos bibliográficos sobre pesquisa do público familiar pode-se inferir que os estudos desse campo estão voltados para a análise do comportamento e da interação dos grupos familiares em exposições, buscando

observar as experiências de visita e processo de aprendizagem no meio familiar. Tais estudos apresentam como principal objetivo potencializar exposições que envolvam de forma dinâmica e interativa os grupos familiares como um todo.

De modo geral, pode-se observar que dentre os objetivos de investigação do referente público estão:

- As relações estabelecidas dentro do museu entre os membros dos grupos familiares;
- As relações entre os grupos e o espaço;
- O tempo de visitação de exposições;
- O comportamento dos membros dos grupos;
- As experiências cognitivas e afetivas;
- As expectativas quanto à instituição e outros.

McManus (1994) afirma que a maioria dos grupos familiares busca nas visitas aos museus lazer, aliado a informações gerais e experiência educacional, sendo que essas razões se influenciam simultaneamente. A autora, portanto, ressalta que é importante proporcionar à família uma satisfatória experiência social durante a vivência da experiência educacional.

O estudo do público familiar é fundamental para os museus, posto que este é o principal grupo que apresenta em sua composição faixas etárias bastante diferentes, experiência de vida e conhecimentos também diversos fatores que tornam a interação social mais profunda e significativa, realizando trocas e construções de conhecimentos, percepções, leituras e sentidos. Ellenbogen (2002) aponta as tensões geradas nos estudos de público familiar, as quais perpassam pela definição dos termos como *museu* e *educação* e até pela agenda da família e do museu, sendo essas tensões relevantes para a formulação do plano educacional de cada instituição museológica.

As pesquisas de público de museus estão inseridas na área das ciências sociais aplicadas, voltadas para o estudo da comunicação social em espaços museais. Nesse âmbito, essas pesquisas podem enveredar pelo campo da psicologia, da antropologia, da sociologia e da educação, por exemplo.

Nesse contexto, é válido voltar-se para a pesquisa de público familiar, compreendendo a família como uma "[...] unidade social, com estratégias e características de comportamento específico, traz implicações para os museus, que devem ser capazes de fornecer instalações e condições adequadas para atender a

esse público" (STUDART, 2003, p. 34).O museu, assim, deve ser pensado como "um cenário social público" (ibid., p. 34) que proporciona a interação sociocultural.

Tomando como fundamento a comunicação social, a presente investigação busca identificar nas famílias da região metropolitana de Belém que visitaram o Parque Zoobotânico do MPEG as representações sociais que atribuem ao Museu. Para tanto, é fundamental considerar que as representações sociais podem ser percebidas em todas as formas de relações humanas, fator que as tornam fugazes e múltiplas, estando continuamente transformando-se, não sendo possível assim, abranger em sua totalidade. Segundo Celso Sá (1998, p. 21):

> Os fenômenos de representação social estão (...), na cultura, nas instituições, nas práticas sociais, nas comunicações interpessoais e de massa e nos pensamentos individuais. (...). Assim, esses fenômenos simplesmente não podem ser captados pela pesquisa científica de um modo direto e completo.

Em aspectos gerais as Representações Sociais são construções de percepções sobre inúmeros e diferentes conhecimentos do cotidiano, desenvolvidos "de forma complexa, fluida e entrecruzada" (SÁ, 1998, p. 22), por diversos grupos que compartilham da mesma realidade.

A sociedade é a "[...] interação entre indivíduos. Essa interação sempre surge com base em certos impulsos ou em função de certos propósitos", formando, conforme o autor, uma "unidade" (SIMMEL, apud ALCÂNTARA Jr, 2005, p. 32). Em síntese pode-se apreender que os sujeitos vivem em conjunto por algum motivo, formando uma unidade e, a partir da qual há uma interação desenvolvida sob o binômio "forma e conteúdo", esse processo Simmel denomina de "sociação". É dentro dessa dinâmica de "sociação" que se constrói a sociabilidade, a qual pode ser entendida como um processo de interação entre os grupos sociais que mantêm laços de afinidades entre si.

Desse modo, nas relações de sociabilidade estão presentes o sentimento e a satisfação recíprocos do momento de interação, suscitados sob o contexto da sociação. Ressalta-se que a dinâmica da sociabilidade recebe influência dos processos culturais inerentes à sociedade de cada espaço. Portanto sociabilidade é uma forma de interação espontânea e momentânea, suscitadas em momentos singulares. A satisfação do instante sociável é a finalidade principal desse conceito.

Sob essa ótica, a compreensão das dinâmicas de sociabilidade do Museu Goeldi se faz necessária para refletir sobre a realidade do lugar. E, consequentemente, leva a perceber os processos culturais que dinamizam a preservação, a ressignificação e a valorização do patrimônio a partir do compartilhamento cotidiano desse bem, no qual se estabelece o vínculo afetivo.

É essencial que as instituições museológicas brasileiras estimulem e fomentem pesquisas deste gênero de forma sistemática. Sob esse panorama é possível que se compreenda os museus a partir de um processo dialógico permanente, cuja consequência é a construção de um museu atrativo, educativo, dinâmico, reflexivo e comunicativo.

CAPÍTULO II: MUSEU E PÚBLICO: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA

Essencialmente, os museus são instituições voltadas para sociedade, cujo intuito é promover o desenvolvimento desta sob um aspecto e sociocultural. Para tanto, conserva, pesquisa, valoriza e difunde bens materiais e imateriais que constituem o processo cultural dessa sociedade.

O ato de colecionar e expor sempre estiveram presentes no universo humano com diferentes finalidades. E, dessa forma, o sentido de musealidade cujo significado é a relação entre humano, espaço, tempo e a memória, atrela-se à ação humana de interferir na realidade. Tal fato torna possível a produção de significados sobre os objetos dessa realidade, cujo reconhecimento os confere o ato de colecioná-los e exibi-los.

Assim sendo, esse processo museológico permite sua adequação à dinâmica da comunidade e, consequentemente, torna viável a fruição, a criação e a transformação, sendo o museu espaço de narrativas geradas e partilhadas pela comunidade. Ele torna-se lugar de construção da identidade sociocultural. Esses são os meios de preservar e de valorizar a cultura e a memória de uma sociedade.

O museu é, pois, um processo que se constrói no presente, por meio da interação e apropriação do público, torna-se, portanto, essencial o estabelecimento de um diálogo estreito entre ambos. Assim, é possível a esse público se perceber inserido na instituição, compreendo-a como um meio de reflexão e reconhecimento da própria realidade e, conseguintemente, como um espaço de transformação.

2.1. MUSEU EM PROCESSO

Para compreender a relação entre museu e público é necessário, primordialmente, buscar refletir sobre a noção de museu, de modo a abranger como e por quem ele é concebido, percebido e interpretado. Esse processo se desenvolveu e vem se desenvolvendo de forma gradual a partir de negociações engendradas por diferentes fatores nas esferas social, econômica e política.

Os museus surgiram a partir de uma perspectiva centralizadora, como um espaço voltado basicamente para o colecionismo, culminando nos *Gabinetes de Curiosidades*, os quais eram destinados à guarda de: obras de artes da antiguidade ou da própria época; fósseis; animais empalhados; instrumentos científicos; tesouros e outras curiosidades advindas, principalmente, da América e da Ásia. Os objetos presentes nesses Gabinetes tornaram-se o modo de validar o conhecimento, a superioridade e o poder do *homem civilizado*. Esses espaços são, dessa forma, “lugares de memória por excelência” (POSSAS, 2005, p. 152), no qual coexistem o sagrado, o religioso, o mágico, o exótico e o novo. Inicialmente esses espaços de guarda de objetos eram de posse particular, mantidos por colecionadores, sendo alguns abertos ao público seleto e outros de caráter restrito.

Os museus atuais surgiram assumindo um caráter científico, tendo como principal função a pesquisa, tornando-se o espaço de divulgação e legitimação da ciência. O foco das ações museológicas estava centrado no progresso do conhecimento científico, desenvolvido por meio das pesquisas e não na educação do público em geral.

Esse cenário que estava vigente na Europa a partir do século XVI, também tivera espaço nas terras brasileiras. Durante o século XIX o país começou a voltar-se para a criação de museus, todavia é somente no século seguinte que se assiste o surgimento de inúmeros museus por todo o país.

A chegada da Família Real e mais um enorme contingente de cidadãos portugueses na então colônia tropical brasileira gerou uma mudança na estrutura política, econômica e cultural desse território português. Com isso, foram criadas inúmeras medidas para estimular a comunicação entre províncias e o povoamento, dentre essas ações foram construídas e ampliadas estradas, houve também, abertura dos portos ao mercado internacional, criação de comércios e indústrias, instalação de escolas superiores e surgimento de empresa. Essas transformações administrativas impulsionavam o Brasil a seguir os moldes do seu colonizador, sendo planejadas implantações de: teatros; bibliotecas; escola de artes e ofícios e museus, principalmente na metrópole brasileira – Rio de Janeiro.

A Revolução Francesa em 1789 foi um acontecimento muito relevante para a emersão da noção de bem público, difundida ao longo do século seguinte – XIX – por todo o mundo, inclusive no Brasil. Nessa ótica, as coleções museológicas foram um fator importante para a construção do sentimento nacionalista no seio da

sociedade moderna, que começava a atribuir aos monumentos, objetos, peças e artefatos valores históricos, culminando no surgimento do sentido de patrimônio cultural[3].

Essa noção alicerçou o processo de Independência do Brasil, sendo essencial para a "construção ritual e simbólica da nação" (CHAGAS, 2006, p. 32). Desse modo, tornou-se imprescindível uma reestruturação do país, não apenas no setor político-administrativo, mas também uma regeneração no sentido de país como nação, construtora da própria história, memória e identidade. Foram elaborados documentos oficiais, erigido monumentos, determinado datas cívicas e comemorativas e criadas instituições de memória. É nesse cenário que iniciou a "era dos museus públicos e nacionais" (SCHWARCZ, 1993, p. 68) e nesse período se tem o surgimento do Museu Nacional (MN), do Museu Paraense Emílio Goeldi, e do Museu Paulista ou Ypiranga, por exemplo.

Todavia, esse movimento de criação do *espírito nacionalista* surgiu no seio da camada aristocrática brasileira, não deixando de tomar como base os modelos museológicos estrangeiros, distante do contexto da sociedade desta nação que estava nascendo. Chagas (2006, p.35) revela que:

> As elites aristocráticas tradicionais é que sonham o sonho de um nacional sem nenhum *sinal de sangue*, sem a presença da cultura popular, dos negros aquilombados, dos índios bravios, dos jagunços revoltosos, dos fanáticos sertanejos, dos rebeldes que não têm terra, mas têm nome, família e um cachorro preto.

Com o advento da era industrial percebe-se a construção de uma nova civilização, consequência, sobretudo, da industrialização. Esta cadeia sistemática de produção se reflete no espaço territorial, fazendo com que este tenha mutações fisionômicas e estruturais, Stránský (2008, p. 104) descreve que: "Os fatores da revolução técnico-científica penetram a totalidade das realidades naturais e sociais, alterando profundamente a sua estrutura".

[3] Entende-se por patrimônio cultural um conjunto de bens materiais ou imateriais transmitidos ao longo das gerações de determinado grupo social, o qual apresenta a função de manutenção, construção e reconstrução da identidade sociocultural a partir do processo ressignificação desses bens sob uma perspectiva da sustentabilidade e do desenvolvimento social. Sendo assim, o patrimônio cultural tem como principal mote legitimar o sentimento de pertencimento da comunidade à determinada cultura.

Nesse contexto da era industrial no século XX, Soares (2006) pontua que os museus deixam de voltar-se para o processo de aquisição de objetos a fim de constituir as coleções e passam a atentar-se para o público. As coleções foram compreendidas como ferramenta de informação e de construção de conhecimento. É nesse bojo que se desenvolve o caráter público dos museus. Com isso, desencadeia o alargamento das ações de comunicação, disponibilizando uma diversificada gama de serviços que permitem a interação entre o museu e o público. O museu torna-se instituição a serviço da sociedade, tendo como uma das principais funções a educação, cuja importância fundamenta a própria existência e relevância de cada museu, ressaltando que “a função social do Museu é ser um instrumento de desenvolvimento social e cultural, a serviço de uma sociedade democrática” (ibid., p. 02).

Com essa descentralização de olhar, o museu é compreendido como espaço democrático. Assim, gradativamente, a ideia de proporcionar ao público um espaço de experimentação, construção de conhecimento e relações sociais, foi intensificando-se. Nesse contexto, pode-se perceber as diversas formas que esse espaço é apropriado pela sociedade e, também, as diferentes relações que são estabelecidas entre as pessoas, bem como entre o espaço e os sujeitos. São suportes da memória e marcas identitárias que atuam no sentido de direcionar, orientar, fortalecer referências e construir ligações.

Tomando como base a criação dos museus pelas sociedades no momento em que estas reconhecem o patrimônio como referências para construção de identidade, nota-se que os museus se tornam dinâmicos, estando constantemente (re)construindo-se a partir da percepção da sociedade sobre a própria realidade. O museu não se limita a si mesmo “ele funciona como a experiência de nós mesmos em uma arena humana determinada” (SOARES, 2012, p. 56). Dessa forma, as instituições museológicas estão em um constante processo de reinvenção e, sendo assim, é fundamental que estejam atualizados sobre as dinâmicas da sociedade, de modo que identifique suas necessidades, suas concepções, seus questionamentos, para então, desenvolver ações voltadas para responder essas demandas. Para tanto, é fundamental que se desenvolva uma comunicação que possibilite a percepção, a interação e a reflexão da comunidade.

Nesse ponto, vale lembrar a Declaração de Caracas de 1992, na qual pontua que “[...] os museus não são somente fontes de informação ou instrumentos

de educação, mas espaços e meios de comunicação que servem ao estabelecimento da interacção da comunidade com o processo e com os produtos culturais" (CADERNOS, 1999, p. 236). Isto é, comunidade é a base para o processo museológico e, nessa perspectiva, é imprescindível às ações do museu procurar compreender os anseios e questionamentos da comunidade na qual se imerge, de modo a compreender seu processo cultural e social. Cabe salientar sob esse ponto de vista, que o púbico faz parte da dinâmica processual do museu, interagindo e ressignificando o espaço museal.

2.2. PÚBLICOS NOS MUSEUS

A noção de *público* ganhou impulso entre os séculos XVII – com o Iluminismo – e XVIII – com a Revolução Francesa. Tal noção emergiu frente à oposição ao conceito de *massa* e *multidão*. Para Coelho (1997) o termo *público* é utilizado muito genericamente, tendo acepção às palavras como consumidores, usuários e telespectadores. Tal entendimento não estabelece uma definição específica ao público.

Definir um público é necessário primeiramente atentar-se ao comportamento, às atividades realizadas e às relações traçadas. Nesse sentido, Coelho (1997, p. 322) ressalta que público:

> [...] remete ao conjunto de pessoas que não apenas praticam uma atividade determinada mas diante dela assume um mesmo tipo de comportamento, sobre ela expressam opiniões, e juízo de valor consideravelmente convergentes e dela extraem sensações e sentimentos análogos.

Pode-se inferir, sob esse aspecto, que cada meio de comunicação propicia, em um determinado tempo-espaço, diferentes formas de interações, adquirindo, assim, diversos sentidos e significados. Coelho (1997) atenta para a necessidade de pesquisas de público estar voltada para essa questão de conceituação de público, de modo a evitar a abordagem de um aglomerado de indivíduos, cujo resultado e análise não permitem a identificação do grupo a ser estudado e tampouco é alcançado o objetivo de compreender e transformar as relações culturais.

O acesso do público aos museus se desenvolveu de forma bem lenta, todavia não se pode deixar de notar que os séculos XVII e XVIII foram a base para a consolidação dos museus atuais. Esses museus se caracterizam como abertos ao público, tendo como principal missão a realização de ações educativas. Nesse bojo, vale lembrar que o primeiro museu a ser aberto para o público foi o *Ashmolianum Musaeum*, datado de 1683, proveniente da doação da coleção de Elias Ashole à Universidade de Oxoford, na Inglaterra (SCHWARCZ, 1993).

É importante evidenciar que primeiro o acesso do público aos museus e suas coleções limitava-se à camada elitizada e letrada, sendo formado por nobres, artistas, profissionais liberais e homens letrados, os quais viviam sob a luz do conhecimento, estando hábeis a compreender, interpretar e atribuir significados aos objetos das coleções museológicas. O conhecimento e a arte como símbolo de *status* e poder refletia o gosto, exclusivamente, aristocrático. Todavia, o crescimento de visitação nos museus entre os séculos XIX e XX pode inferir que o público não era composto somente de cientistas ou componentes do setor elitista, abrangendo também o público em geral (POSSAS, 2005).

Emerge-se na Europa moderna do pensamento racional e científico a concepção de *democracia*, com a qual se compreende que o bem público deve ser gerido a partir dos interesses comuns, promovendo, para isso, o fortalecimento da igualdade dos indivíduos. Na segunda metade do século XIX a ideia de democratização é estendida ao “campo cultural” (KÖPTCKE, 2012, p. 157). Nesse contexto, o Estado toma como tarefa garantir a toda sociedade o direito de acesso aos bens e às práticas culturais, de modo a fortalecer a identidade social, “a integração cultural e coesão social” (ibid., p. 157). Essa primeira noção de democratização do século XIX resultou no reconhecimento do grande potencial educativo das instituições museológicas. Como consequência as coleções começaram a ser acessíveis à população, tendo como finalidade a *educação do povo*.

Ainda restrito ao usufruto do setor mais seleto da sociedade, as ações educativas buscaram tornar os museus mais acessíveis, desenvolvendo, assim, a popularização da ciência e a construção da expressão da memória, por meio de realização de oficinas, cursos, comitês com participação de visitantes ou comunidades. Ressalta-se que “o acesso do grande público só ocorria aos domingos e, por vezes, um dia na semana” (VALENTE, 2003, p. 33).

Todavia, essa nova abordagem dos museus não garantiu “[...] a diversificação da estrutura ou aumento do número de visitantes” (KÖPTCKE, 2012, p. 159). Foi a partir do surgimento da Museologia Social no século XX que se observou a diversificação dos espaços museológicos. Desse modo, a noção de museu acessível a todos da sociedade é ampliada, compreendo que além de ser um espaço aberto ao público, deve, também, ser um lugar de produção, de celebração, de manifestação, de expressão da memória e da cultura, a partir do compartilhamento dos saberes culturais. Nota-se, dessa forma, que os processos museológicos deixam de focar na “democratização do acesso à cultura” para concentrar-se na “construção de uma democracia cultural” (ibid., p.159).

De modo geral, no século XIX os museus concretizam seu papel educativo na sociedade. Entretanto, o processo de democratização e de popularização dessas instituições desenvolveu-se significativamente a partir do século XX, implicando na ampliação do conceito de público de museus. Até então, prevalecia o poder da elite da sociedade que inseria nessas instituições sua organização social, econômica e política.

As transformações do quadro sociocultural engendraram o envolvimento das comunidades locais nos museus. Com isso, a diversidade cultural é tomada como base para o desenvolvimento das ações museológicas. Dessa forma, o museu estabelece uma relação com a sociedade, servindo de instrumento de transformação social. Devido a essas circunstâncias foi fundamental tornar o museu um lugar mais interativo e dinâmico, alicerçando-se na perspectiva da educação como a base para a construção da sociedade como um todo.

O conceito de visitante como sujeito contemplador e/ou espectador já não mais se sustenta sob esse contexto. A função do museu na sociedade abrange uma extensão maior, tendo o público, também, novas funções e perspectivas. Cury (2004, p 91) observa que:

> [...] o visitante não é uma massa homogênea, com comportamento constante e, tampouco, com características universalizantes. Constitui-se, sim, em grupos com inúmeras distinções, que manifestam suas diferenças na recepção.

Para Köptcke (2012, p. 156) o público deve ser visto como “[...] um organismo vivo que se forma e desfaz”. Cada tipo de museu apresenta diferentes

tipologias de públicos, estes por sua vez, também são compostos por diferentes grupos sociais, os quais apresentam diversificados arranjos.

O público de museu pode ser segmentado em três tipos de audiências, classificação essa surgida a partir de 2004 com os estudos de públicos do Museu de Astronomia e Ciências Afins, nos quais buscou-se estabelecer instrumentos e métodos a fim de contribuir para avaliação da "[...] eficácia das atividades educacionais em contexto não formal, levando em consideração as especificidades de cada tipo de público" (CAZELLI e COIMBRA, 2012, p. 03). Nesse sentido, as audiências são classificadas da seguinte forma:

⌗ **Audiência Programada:** refere-se aos grupos que planejam previamente a visita. Estes são os grupos escolares, turistas, entre outros. Esse público realiza visitas orientadas por mediadores ou monitores com roteiro pré-estabelecido. A visita dessa audiência parte de um contato prévio para o agendamento da data e do horário, sendo muitas vezes planejadas atividades específicas com intuito de envolver o grupo, este planejamento é negociado entre a própria audiência (ou por representantes dela) e o museu. Por isso, segundo Cazelli e Coimbra (2012, p. 07), a audiência programada apresenta "[...] um grau de autonomia sociocultural intermediário", sendo geralmente um grupo homogêneo. A realização de estudos, nesse caso, é menos frequente;

⌗ **Audiência Espontânea:** o público espontâneo ou livre é caracterizado pela liberdade na realização da visita, sendo ele próprio quem decide a participação no evento. Cazelli e Coimbra (2012, p. 05) afirmam que esta é a audiência "[...] com maior nível de autonomia sociocultural [...]", por isso é considerada a audiência mais natural. Assim sendo, a maioria das pesquisas de público é voltada para esse tipo de audiência. O público espontâneo é composto, principalmente, por famílias, amigos e outros;

⌗ **Audiência Estimulada:** de acordo com Cazelli e Coimbra (2012) a atenção a essa audiência iniciou com a tomada de posição dos museus como espaço de promoção da inclusão social. Nesse sentido, o foco dos programas e das ações museológicas está em facilitar e estimular a parte da população que não frequenta os museus por baixas condições econômicas e/ou baixo consumo cultural. Dessa forma, o objetivo dessas atividades educacionais é promover laços de pertencimento, a partir da participação ativa nas instituições museológicas, tendo como resultado a construção da identidade e da relação social e afetiva com essas instituições.

É importante conhecer cada tipo de audiência, abrangendo qual a finalidade e como elas utilizam o espaço museológico. Tal conhecimento é o arcabouço para estabelecer as operações do museu, as atividades necessárias a serem desenvolvidas e a forma de relação com as respectivas audiências.

Na perspectiva da Museologia Social o processo museológico de adquirir, preservar, conservar e comunicar deve estar calcada na parceria com a comunidade. Sendo assim, o arcabouço do funcionamento da instituição museológica está baseado na participação ativa da comunidade, estabelecido no diálogo entre os profissionais e os membros sociais.

Considerando que os processos museológicos emergem da comunidade, cabe ao museu propiciar uma relação entre a comunidade e o patrimônio, estimulando uma percepção abrangente e, consequentemente, uma consciência crítica. Com este intuito, nota-se que o museu vem diversificando as formas de interações.

Pode-se compreender a relação de museu e público a partir da reflexão de Marília Cury (2009, p, 90):

> O museu é espaço de inúmeros sujeitos, do passado e do presente, daqui e de outros lugares, de culturas diferentes, com o mesmo ponto de vista ou com divergentes e diferentes posições. [...], não somos sujeitos sozinhos e não (re)significamos sozinhos, nós (re)significamos com outros, é uma atuação mútua e compartilhada entre o público e o museu.

Várias tipologias de público estão presentes nos museus como grupos de: idosos, escolares, turistas, famílias, comunitários e outros. São os sujeitos, os grupos sociais, as comunidades, enfim o público em geral que constituem os museus e produzem os bens patrimoniais a partir das práticas sociais e trocas de experiências. Nota-se, assim, a atuação do museu sob o público e do público sob os museus, estando um provocando e interferindo sobre outro (CURY, 2003).

Destaca-se neste estudo o público familiar que se diferencia dos outros públicos de museus, pois é constituído por distintos sujeitos sociais e que apresentam uma forte interação no ambiente museológico. Segundo McManus (1994) esse público tem uma grande tendência em realizar longas visitas e caracterizam-se por extensas conversas. Desse modo, os grupos familiares discutem sobre as temáticas abordadas pelo museu observando, lendo os textos e interpretando. Muitos autores ressaltam que a maioria dos pais, tios e avôs se veem como responsáveis, durante a visita, em

promover e estimular a construção de conhecimentos, a partir da transmissão de experiências para as crianças. Esse processo engendra a troca de experiências, a partir do compartilhamento conjunto de valores, linguagem, percepções e concepções. É a partir das trocas que as famílias exploram e discutem sobre diversos assuntos dentro do contexto museal. E, assim, os membros da família ao mesmo tempo se divertem e aprendem coletivamente.

As experiências de visitas de grupos familiares estão situadas em um amplo contexto social e cultural da qual eles fazem parte. Essa experiência é influenciada, ainda, pelas visitas anteriores, os conhecimentos, os questionamentos, as dúvidas e concepções. Por isso, se faz necessária a elaboração de um plano museológico que dialogue com o cotidiano desse público, de modo a criar um vínculo com o museu, reconhecendo este como um lugar de educação e transformação.

A partir dessa prática o museu torna-se uma ferramenta para os grupos familiares poderem construir e negociar a própria identidade familiar. Sob essa ótica, é importante buscar compreender como as famílias apropriam-se das experiências museológicas e de que forma elas utilizam o museu como suporte para as reflexões e proposições das próprias questões. E, também, é imprescindível atentar-se para a relação entre a experiência de visita museológica e as experiências cotidianas.

Assim, o museu é um espaço de experimentação e, conseguintemente, de produção de conhecimento, cujo sentido está na construção de novas identidades constituídas a partir das diferentes formas de relação entre os sujeitos, a cultura. Sob essa perspectiva, torna-se difícil de conceber um público homogêneo, tratado como espectador de um espaço de representação de uma cultura alheia à sua realidade. Torna-se fundamental para instituição museológica buscar ampliar e multiplicar o campo de ação, sendo, nesse caminho, essencial a formulação e promoção de ações comunicativas que visem redirecionar o foco dos museus para o público, possibilitando a criação de práticas socioculturais que engendrem a interpretação e reinvenção do patrimônio cultural tangível e intangível.

2.3. A COMUNICAÇÃO COMO PROCESSO MUSEOLÓGICO

Pode-se observar que por muito tempo o museu foi visto como uma instituição tradicionalmente “dedicada ao estudo, conservação, documentação e exibição de evidencias materiais do homem e do meio ambiente” (SCHEINER, 2008, p. 36). Contudo, essa concepção se transformou a partir do século XX, período marcado pela grande mudança na estrutura museológica. Em consequência, a noção da função do museu vai além dessa perspectiva tradicional, tomando-o como espaço voltado para a produção, desenvolvimento e valorização da cultura material e imaterial da sociedade. É nesse processo que o museu passa a atuar em diferentes âmbitos – social, econômico e político – fator que incide diretamente na relação entre o museu e o público, e, consequentemente, o campo museológico abarca várias possibilidades.

É buscando adaptar-se à nova realidade social, inserindo, assim, os sujeitos nas discussões que a Declaração de Caracas de 1992 destaca a função museológica como um processo essencialmente comunicativo. Nesse sentido, é notável que as ações comunicativas do museu sejam diversificadas à medida que a ideia de museu se amplia.

Como consequências são exigidas novas ações do museu, por meio das quais seja possível promover a participação ativa dos diferentes e plurais sujeitos, de modo a promover uma reflexão coletiva que engendre novos conhecimentos. Para levar a cabo esses novos desafios se faz necessária a formulação de novas teorias e práticas tanto da Museologia quanto em áreas afins.

Nesse prisma, é necessário atentar-se para o caminho entrelaçado do museu e da Museologia, principalmente, no delineamento da função social das instituições museológicas, colaborando na identificação das referências culturais, na salvaguarda e comunicação do patrimônio. A Museologia como uma área de conhecimento voltada para o estudo da relação entre o sujeito e a realidade, tem no museu um campo essencial para aplicação da prática e da teoria museológica. A Museologia é entendida como uma disciplina “[...] que trata das relações entre o fenômeno Museu e as suas diferentes aplicações à realidade” (SCHEINER, 2009, p. 49). Toma-se, assim, a Museologia como, fundamentalmente, um processo de comunicação.

Esse campo de estudo transdiciplinar é alicerçado na compreensão de que a partir do fenômeno cultural são concebidas e estabelecidas as dinâmicas sociais. As relações processuais entre comunicação, patrimônio e museu é o meio de mediação da cultura na vida cotidiana da comunidade. Daí a necessidade de um campo transdiciplinar de modo a abordar a complexidade dos sentidos do real.

Hooper-Grenhill (1999) ao discorrer sobre a teoria de comunicação em museus distingue duas abordagens principais:

⌗ **Transmissora:** Caracteriza-se pela passagem de informação do transmissor ao receptor. Nesse processo, o conhecimento é visto como externo ao sujeito e o contexto social e cultural não são considerados como premissa para o desenvolvimento da ação comunicativa;

⌗ **Cultural:** Essa abordagem é baseada no processo de produção, preservação e transformação dos bens culturais, os quais representam as crenças e valores de uma sociedade. Nessa ótica, a comunicação é um processo de contínua negociação entre os diferentes atores que se apropriam do museu, a partir de experiências e produção de significados. Desse modo, a comunicação é entendida como um processo de compartilhamento, de participação e de associação. Essa comunicação se desenvolve dentro de um grupo social que compartilha e transforma coletivamente o patrimônio a partir de um ato comunicativo.

Hooper-Grenhill (1999) ressalta que a diferença entre a abordagem comunicativa transmissora e cultural é que na primeira o sujeito toma a posição de receptor passivo enquanto que na segunda o sujeito é um participante ativo.

É necessário à comunicação museológica criar uma linguagem cultural que seja acessível e reconhecível pelos diferentes grupos sociais. Segundo a Declaração de Caracas (CADERNOS, 1992, p. 237) é determinante que o processo de comunicação não seja “[...] unidirecional, mas um processo interactivo, um diálogo permanente entre emissores e receptores, que contribui para o desenvolvimento e o enriquecimento mútuo”. Assim sendo, a comunicação museológica se desenvolve a partir do processo de (re)significação do patrimônio cultural que é apropriado pelos sujeitos sociais.

A linguagem museológica é ampla, plural e atual, possibilitando a percepção do real e a produção de discurso sobre ele. Os processos museológicos devem ser abertos, democráticos e participativos, tornando o museu um fórum de comunicação e debate.

A relação entre Comunicação e Museologia é estreita, visto a cultura enquanto um processo comunicacional de sentidos e significados. Essa relação adquire no museu uma *práxis* diversificada, apreendendo que o museu pode produzir, representar e transmitir esse processo cultural. Dessa forma, são atribuídos ao museu significados amplos, suscitados por meio da produção de sentidos, apontados pela formulação de discursos sobre o acervo. Evidencia-se, nessa ótica, que o museu não é um ato completo e tampouco um fim em si, mas é na realidade um meio e como tal é lugar de expressão da relação entre a realidade e o ser humano, sendo remodelado por meio das interpretações e percepções das diferentes audiências.

A Declaração de Caracas (CADERNOS,1992) atenta para a necessidade de pesquisas sobre as comunidades que fazem parte do contexto sociocultural do museu, de modo a conhecer a dinâmica social e cultural, para, assim, envolvê-las no processo museológico. Às instituições museológicas cabe buscar saber qual o impacto na comunidade das ações que elas realizam, de modo a atender as diversidades dos públicos, compreendendo-os como cidadãos participantes do processo museológico. Dessa forma, torna-se possível ao museu contextualizar tanto os objetos quanto as temáticas abordadas por ele no cotidiano da sociedade. Em conseguinte, a sociedade pode estabelecer vínculos culturais, e relações entre os grupos sociais diferentes. Portanto, a identidade de cada museu está alicerçada “na identidade social e política dos grupos culturais que o criam e mantêm” (SCHEINER, 2009, p. 46).

Sob essa perspectiva, é importante compreender a instituição museológica como uma “[...] instância de possibilidades, obra aberta, espaço transitório de manifestação cultural” (ibid., p. 45). Enfim, o museu enquanto fenômeno é um lugar de encontro e de relações socioculturais, tornando-se fundamentalmente um espaço de promoção da comunicação.

É dentro desse contexto comunicacional que a presente pesquisa se fundamenta, com intuito de compreender as memórias e experiências do público familiar do Museu Goeldi e, com isso, referendar o Museu Goeldi como espaço de interação familiar. A pesquisa toma como foco a compreensão dos processos de experiências de visitas do público familiar.

Essa abordagem de pesquisa fundamenta-se, principalmente, no método qualitativo, surgido na segunda metade do século XX, por meio do qual o estudo se debruça em perceber os significados dos sujeitos sobre suas ações e experiências

realizadas durante suas interrelações socioculturais. Assim o estudo envereda, principalmente, pela linha investigativa, a qual versa sobre a construção de novos conhecimentos e formulação de teorias com o objetivo de compreender as diferentes formas de experiências museológicas. Essa linha volta-se, dentre outras questões, para a percepção das relações estabelecidas no espaço museológico, partindo de uma dimensão ampla sobre a comunicação museológica.

Nesse sentido, a análise das experiências de visitas do público familiar deve considerar as expectativas, o contexto social, os conhecimentos, as atitudes e experiências anteriores dos grupos familiares. Em outras palavras, para a contextualização das ações do museu é essencial considerar a agenda dos grupos sociais que se apropriam da instituição, tornando-as a base dessas ações. É em vista disso que a análise desta pesquisa se debruçou.

CAPÍTULO III: AS FAMÍLIAS NO PARQUE ZOOBOTÂNICO DO MUSEU GOELDI

Para compreender as representações do público familiar sobre o Parque Zoobotânico do Museu Goeldi, a partir das experiências de visitas, foi realizada preliminarmente a aplicação de questionário para identificar pessoas que se enquadrassem no perfil da entrevista. Ressalta-se que a prévia aplicação do questionário foi o instrumento mediador para um primeiro contato com os possíveis participantes da entrevista. Dessa forma, toma-se como elemento chave a aplicação do questionário para levantamento prévio de informações para a elaboração do roteiro da entrevista.

Os questionários (apêndice I) são semiestruturados com perguntas abertas e fechadas e foram aplicados no Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi entre os meses de outubro de 2012 e de maio de 2013 com famílias da região metropolitana de Belém que visitaram o Parque durante os finais de semana e dias comemorativos. Em cada grupo familiar que iria ser aplicado o questionário era eleito, pelos membros da família, um representante para responder as perguntas do questionário. Foram aplicados cem questionários para cem famílias.

Dentro desse espectro de famílias foram escolhidos 15 representantes para fazer parte da segunda etapa, a entrevista, a qual foi baseada em um roteiro semiestruturado. Para a realização da segunda etapa da pesquisa, foi traçado um perfil de tipo de visitantes que se enquadrassem no objetivo da proposta da entrevista, sendo estabelecido o seguinte perfil para os possíveis participantes:

- Residir em Belém;
- Apresentar um vínculo afetivo com o MPEG;
- Visitar com a família o Parque Zoobotânico frequentemente.

O roteiro de perguntas foi estruturado com a finalidade de estimular aos entrevistados lembranças e sensações sobre visitas ao MPEG, as quais possam despertar neles a produção de significados sobre o Museu. Vale frisar que para o registro da entrevista foi utilizado gravador de voz, por isso, antes do começo de cada entrevista, foi apresentado um documento ao entrevistado - *Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento* (apêndice II) - que garante a segurança dos relatos,

ressaltando que a divulgação de quaisquer informações só será realizada em eventos ou publicações científicos.

Os grupos eram abordados a partir de uma preliminar observação por parte da interlocutora. Essa observação levou em consideração a estrutura do grupo – crianças, adolescentes, adultos, idosos – bem como as relações desenvolvidas entre os componentes e o Parque Zoobotânico – conversas, relações de afinidade com o lugar.

Selecionado o grupo em potencial para participar da pesquisa, este foi abordado pela interlocutora primeiramente apresentando a pesquisa em questão, caso o grupo aceitasse a participar era perguntado então se este era da região metropolitana de Belém, visto que é o público-alvo deste trabalho. Caso o grupo fosse da vigente região era iniciada a aplicação do questionário, durante esta fase era iniciada uma conversa informal com os membros da família sobre as experiências e percepções de visita ao Parque, estimulada, principalmente, pelo questionário.

Ressalta-se que a maioria dos grupos familiares respondeu junto com os representantes, sendo assim, os resultados obtidos dos entrevistados revelam o compartilhamento de percepções, experiências e memórias entre os membros da família, formando uma teia de sociabilidade no cenário do Parque Zoobotânico. Em outras palavras, os resultados aqui dispostos não revelam as percepções somente de um membro da família, mas sim, dos membros que compõem o grupo familiar.

Esse processo de pesquisa é relevante para a análise dos produtos gerados desse trabalho, de modo a identificar as representações que são atribuídas ao Parque Zoobotânico do referido Museu a partir das experiências de visitação ao local, vivenciadas em grupo e que o torna um lugar de múltiplos olhares e, conseguintemente, de polissêmicos significados.

A pesquisa tem como principal foco tratar desse assunto sob uma perspectiva de museu enquanto espaço de interações, experiências e sociabilidades. Portanto, busca-se trazer à luz ideias e reflexões sobre representações, que se desenvolvem a partir da construção de redes de significações sobre a realidade da sociedade.

Considera-se como fundamentação desta pesquisa a Museologia participativa voltada para o diálogo com a comunidade, tornando-se o elo entre o patrimônio e os sujeitos, sendo assentada no fato museológico, cujo tripé está na relação entre o “sujeito, o objeto e o meio” (GUARNIERI, 1990, p. 07). Dessa forma,

compreende-se que enquanto fato museológico, a Museologia é um processo comunicacional, o qual, por sua vez, se desenvolve, principalmente, a partir da relação entre o museu e a sociedade. Entende-se, pois, a inserção dessa interação na cultura de cada sociedade, tomando cultura “como um fazer e viver cotidiano”, como “[...] a relação do homem com seu meio, com os outros seres” (ibid., p. 10).

Portanto, reflete-se no espaço museal a expressão, a percepção e a criatividade humana, que se torna a “presentificação da cultura” (SCHEINER, 2009, p. 45), no qual se percebe a “circularidade do tempo” (ibid.). isto significa que os museus são, primordialmente, espaços de narrativas.

O questionário, tomado como meio de realizar o primeiro contato com os representantes dos grupos familiares, levou em consideração o contexto de visitação do público familiar do Parque Zoobotânico do Museu Goeldi.

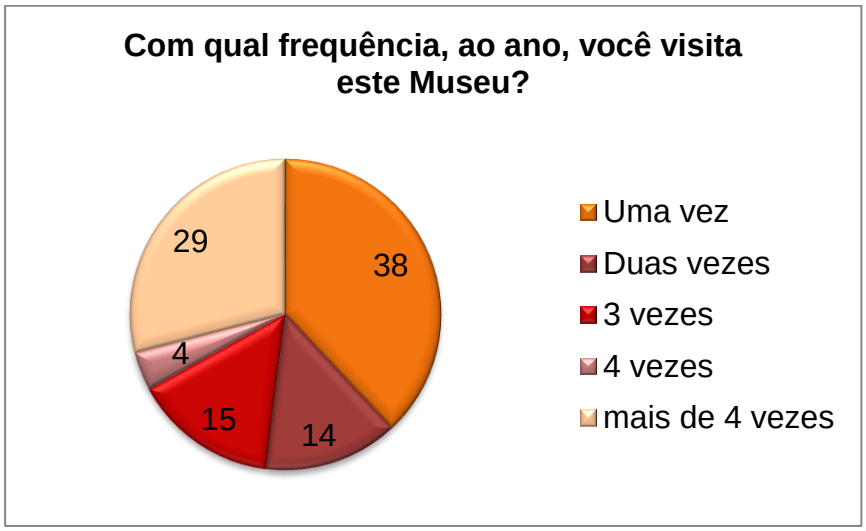
3.1. QUESTIONÁRIO: CONVITE À ENTREVISTA

A partir desse contato proporcionado pelo questionário foi possível construir o perfil do público familiar que visita o Museu Paraense Emílio Goeldi. Percebeu-se que a visita ao Museu é um momento de integração familiar, 33% dos 100 entrevistados responderam que visitam o Parque Zoobotânico acompanhados de 03 pessoas, 26% disseram estar acompanhados de 04 pessoas. Pode-se destacar ainda os grupos formados por duas pessoas, os quais correspondem 25% dos entrevistados. Isso vem ao encontro do resultado da pesquisa do Observatório de Museus e Centros Culturais do Rio de Janeiro e Niterói (BOLETIM, 2006, p. 09) sobre Perfil-Opinião, o qual percebe que “a visita a museus é uma prática de sociabilidade”.

Nas aplicações de questionários constatou-se que os grupos familiares são constituídos, frequentemente, por pai, mãe e filho(s) e, também, pai e filho(s) ou mãe e filho(s). Outras composições familiares que se observou foram tio(a) e sobrinhos, avôs e neto(s), dentre outros.

Segundo os resultados da análise dos questionários aplicados para as 100 famílias, 38% das famílias entrevistadas realizam a visita pelo menos uma vez ao ano e 29% visitam mais de 4 vezes ao ano. Outras famílias dizem que visitam cerca de duas vezes ao ano o Museu (14%) e 15% realizam visitas em torno de 3 vezes ao

ano. Percebe-se que a visitação do público familiar ao Parque Zoobotânico é expressivamente frequente, fator que torna o PZB um espaço que compõe a rotina das famílias belenenses.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2012 – 2013.

Pode-se notar também a predominância de visitantes residentes na capital paraense (85%) e em segundo lugar Ananindeua (15%), município mais próximo de Belém. As famílias visitantes do Parque Zoobotânico são provenientes de vários lugares da região metropolitana de Belém. Elas não se limitam ao entorno da instituição, mas, também, são atraídos moradores que vivem longe do centro da capital ou até mesmo de outros municípios. Dessa forma, o MPEG reúne grupos familiares bastante distintos, protagonizando um encontro de culturas diversificadas.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2012 – 2013.

Os motivos da visita são diversos, todavia nota-se que apresentar o MPEG aos filhos é a opção mais selecionada (36%), sendo lazer/diversão a segunda opção (25%). Desse modo, pode-se inferir que o hábito de visitar o Parque Zoobotânico deste Museu é passado de geração para geração por meio da família, este é, pois, um espaço presente no cotidiano das famílias paraenses, tornando-se uma prática regular a visitação ao espaço. Segundo Frenkel (2012) as famílias visitam o museu por vários motivos, podendo destacar aqui que a visita influencia positivamente na aprendizagem dos filhos, além de proporcionar uma experiência conjunta de lazer e cultural.

Qual foi o principal motivo de visitar o MPEG?	
Principal Motivo da Visita	**Nº de Pessoas**
Alargar Horizontes	3
Lazer/Diversão	25
Apresentá-lo aos Filhos	36
Reunir a família	12
Ocupação do tempo livro	2
Interesse pelas exposições	4
Interesse pelos animais	3
Outros	15

Fonte: Pesquisa de Campo, 2012 – 2013.

Sobre a importância que o MPEG apresenta para a memória paraense, perguntada no questionário, grande parte dos grupos familiares ressaltaram o valor cultural dele para a sociedade, sendo um patrimônio histórico e cultural brasileiro. Já outras pessoas destacaram que o Museu Paraense E. Goeldi apresenta um papel muito importante enquanto instituição museológica, pois o Museu P. E. Goeldi tem como principal função a preservação da natureza e da cultura amazônica. Como terceiro motivo da importância do MPEG para a memória, os entrevistados pontuaram que o Parque Zoobotânico é um lugar que ainda mantém uma área “verde” no meio urbano, na qual as famílias reúnem-se, sendo a visitação também um momento de aprendizagem no meio familiar, pois é possível conhecer a fauna e a flora típicas da região para construir a noção de pertencimento à cultura amazônica.

Imagem 2: Famílias visitando o recinto dos peixes. Foto: Emilly Santos, 2013

Nesse processo foi evidenciado pelos participantes da pesquisa que o hábito de visitação ao Parque Zoobotânico se inicia na infância, sendo passado de geração para geração. Fator esse que referenda as famílias como a principal influência no processo de aprendizagem. Daí a importância de se realizar estudos que compreendam quais os hábitos de visitação desse público, bem como sobre a percepção que o público familiar constrói sobre o museu, com intuito de promover um laço entre espaço museológico e o público, estendendo esse hábito às gerações seguintes.

Observa-se que o Parque do MPEG é um espaço de grupos familiares, no qual são suscitadas diferentes experiências a partir das redes de sociabilidade nas quais as percepções e representações se constroem. Pode-se perceber essa construção nas memórias despertadas com as entrevistas desta pesquisa.

3.2. ENTREVISTAS

O desafio da fase da entrevista está relacionado, principalmente, ao fato de que a realização desta depender da disponibilidade da pessoa em participar. Por isso, os agendamentos de entrevistas são, muitas vezes, comprometidos devido à falta de

tempo, imprevistos, fatores externos ou até mesmo à falta de interesse por parte do potencial participante.

O roteiro é composto por 06 perguntas:

- Quais as suas experiências de visita ao Museu Goeldi?
- Quais as lembranças que tem do Museu Goeldi?
- Quais são as lembranças mais marcantes?
- Qual o significado do Museu Goeldi para você e sua família?
- Como você representaria o Museu Goeldi?
- Quais lembranças estas imagens lhe trazem?

Imagem 3: Famílias visitando o recinto dos macacos. Fonte: Emilly Santos, 2013.

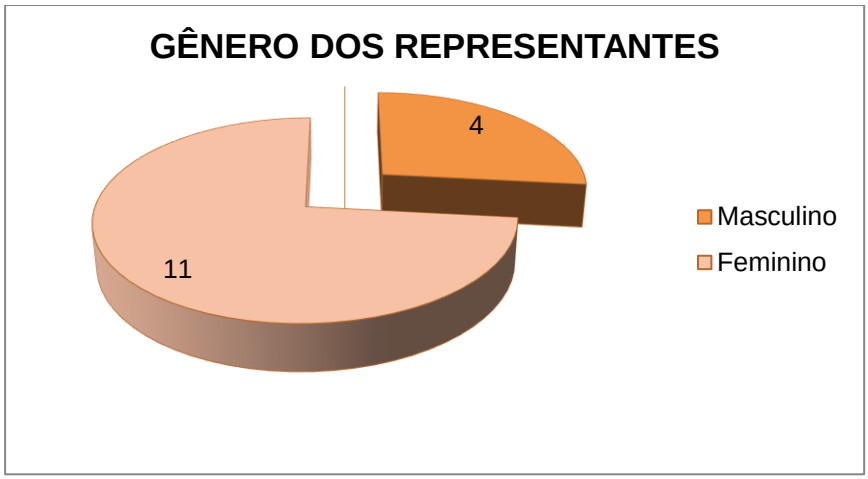
A partir das informações coletadas com o representante de cada uma das 15 famílias, pode-se construir um arranjo familiar desses grupos que visitam o Parque do MPEG. Por meio dessa análise foi constituída uma classificação das famílias participantes em quatro categorias:

- 1ª categoria: é composta por casais com filhos (pai, mãe e filhos) e por casais de avôs com netos (avô, avó e netos). Esta categoria tem como denominação família nuclear;
- 2ª categoria: Nesta há apenas um representante adulto da família, acompanhado de crianças ou adolescentes que constituem relação parental de filho ou neto. Assim, esta categoria abrange a família mono parental. Nela, estão as seguintes ocorrências: mãe e filhos; avó e neta; avô, filho e neto;

⌗ 3ª categoria: Este arranjo é formado por representantes aparentados na composição familiar sem a presença de crianças e adolescentes. Esta categoria apresenta a incidência de casal;

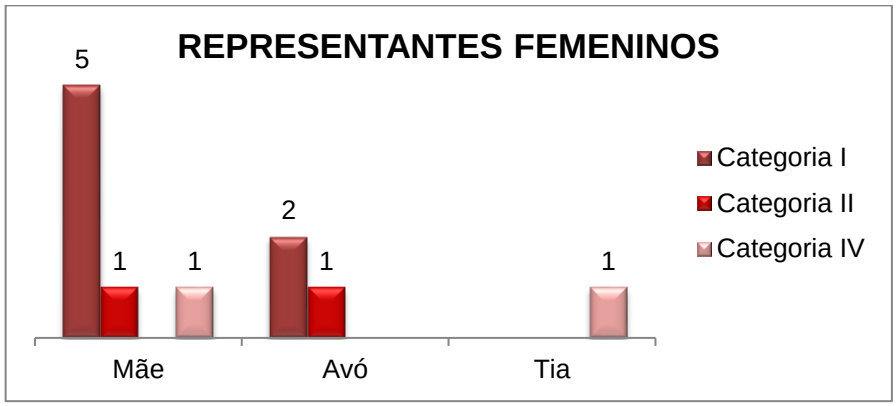
⌗ 4ª categoria: Esta classificação é caracterizada por dois ou mais representantes adultos com a presença de crianças e adolescentes. Como exemplo está a composição: avô, mãe e filho ou tia, sobrinho com esposa e filho.

Com essa categorização é possível notar que nos representantes dos grupos familiares é nítida a preponderância do gênero feminino – dos 15 participantes, 11 são mulheres e 4 homens.



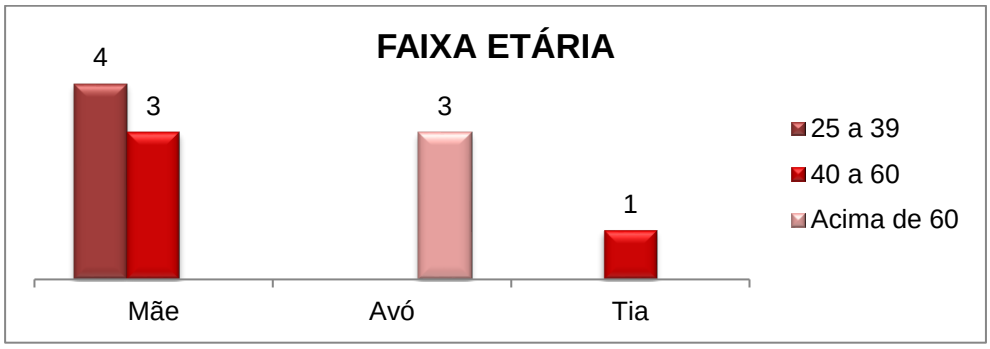
Fonte: Pesquisa de Campo, 2012 – 2013.

Dentre as 11 mulheres 05 estão agrupadas na categoria 01, ocupando na família a posição de mãe e 02 ocupando a posição de avós. Na 2ª categoria, nota-se uma mãe e uma avó. Apenas uma mulher se enquadra na 3ª categoria como tia.



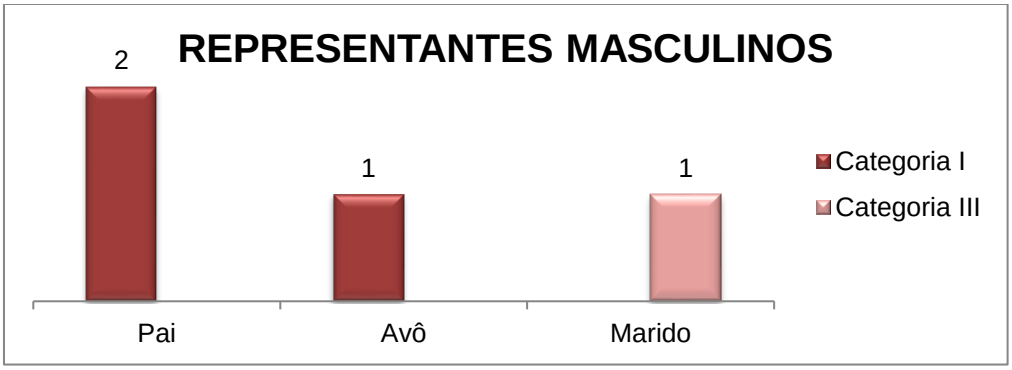
Fonte: Pesquisa de Campo, 2012 – 2013.

Agrupando por faixa etária, pode-se notar que 04 das 07 mães têm entre 20 a 39 anos e 03 entre 40 e 60 anos. Todas as 03 avós estão acima de 60 anos. E a tia tem 59 anos.



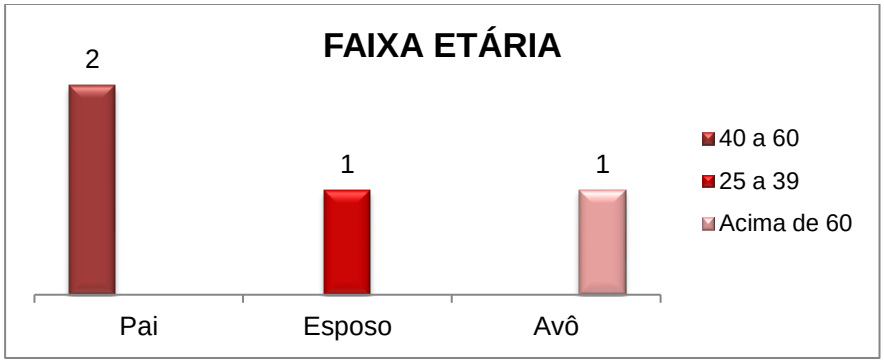
Fonte: Pesquisa de Campo, 2012 – 2013.

Já em menor escala está o gênero masculino, o qual representa 04 grupos familiares dos 15 entrevistados. Dentro desse espectro, 02 homens ocupam a posição de pai na 1ª categoria e 01 de avô na mesma categoria. O quarto representante masculino se enquadra na 3ª categoria como marido.



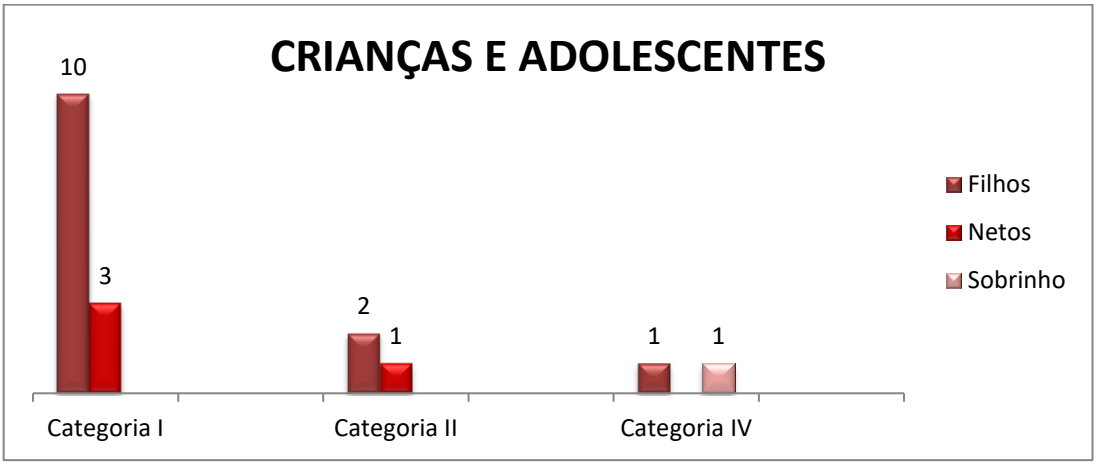
Fonte: Pesquisa de Campo, 2012 – 2013.

Por faixa etária classifica-se da seguinte forma:



Fonte: Pesquisa de Campo, 2012 – 2013.

Somente um grupo familiar não apresenta em sua composição criança ou adolescente, destacando-se nos demais a presença de crianças (16) e sendo em menor escala os adolescentes (02) na composição desse grupo de visitante. Ao total, são 13 filhos, 04 netos e 01 sobrinho que são integradas às 15 famílias entrevistadas. Dentro dessa amostragem de 18 crianças e adolescentes, 10 correspondem à posição de filho(a) e 03 de neto(a) na 1ª categoria, tendo na 2ª categoria 02 na posição de filho(a) e 1 na posição de neto(a). Da categoria 04 faz parte 01 filho e 01 sobrinho.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2012 – 2013.

Embora a pesquisa tenha encontrado predominantemente famílias nucleares (pai, mãe e filho), foi também abrangido as famílias mono parentais (com a presença maior do gênero feminino ocupando a posição de mãe e avó com filhos e netos) e outras formas de vínculos familiares (em menor escala, como casal sem filho). São esses os grupos familiares que compõem o cenário do Parque Zoobotânico, que vivenciam socialmente experiências únicas e diversificadas.

3.2.1 As experiências de visitas

É a partir da sociabilidade que se pode compreender as estruturas sociais. E no contexto dessas relações são praticadas as experiências, cujo conceito deve ser apreendido sob uma perspectiva ampla.

Fundamentando-se em Santos (2006), o qual diz que as ações não são isoladas e ocorrem em um determinado tempo e espaço, toma-se a experiência

museológica como uma ação social, sendo suscitada por meio de experiências e conhecimentos próprios do visitante no momento em que se relaciona com o contexto museológico. É importante considerar que esse contexto institucional está baseado na missão de cada instituição museológica, podendo compreender que o museu produz e promove ações com uma intenção e um objetivo.

Para Falk e Dierking (1992) a experiência museal, denominada por eles de *Interactive Experience Model*, é o encontro dos contextos pessoal, social e físico. O primeiro contexto (pessoal) refere-se à agenda de cada visitante, fator que torna esse contexto singular, pois incorpora o conhecimento, as experiências anteriores, os interesses, bem como a motivação da visita. O segundo contexto está relacionado ao fato da realização de uma visita ao museu ser desenvolvida em um processo social, visto que grande parte das pessoas que visitam esse espaço está em grupo e, além disso, mesmo que um sujeito realize a visita sozinho este possivelmente terá contato com as outras pessoas presentes no local (mediadores ou visitantes, por exemplo), essa socialização influencia consideravelmente no processo de percepção, interpretação e ressignificação de cada visitante. Já o contexto físico refere-se à influência da arquitetura, da configuração dos objetos dispostos e do próprio ambiente na experiência de visitação ao museu.

Posteriormente foi inserido nesse modelo o contexto temporal como um importante fator contextual da experiência museológica. Todos esses contextos se articulam continuamente, possibilitando a construção de conhecimentos. Nota-se que a experiência de visitas a museu remete-se a diferentes sentidos e significados.

Nessa perspectiva, o museu torna-se um espaço de trocas culturais e de socialização, como aponta Köptcke (2003, p. 10) “cada visita é uma experiência única para o visitante, pois é percebida a partir do seu capital de experiências e conhecimentos”. Sendo assim, a experiência de visita a museus é fruto da interação desses contextos, que se transforma de acordo com o conhecimento e interpretação de cada visitante. Portanto, nenhuma experiência é igual para todos os visitantes de um museu, assim como para as diferentes visitas de um sujeito.

Esse processo de trocas se desenvolve a partir da sociação entre os sujeitos sociais, sendo entendida como a forma de interação social, com a qual se mantém a coesão e a unidade de determinado grupo, segundo Simmel (apud ALCÂNTARA, 2005, p. 32):

> Tudo que está presente nos indivíduos (que são dados concretos e imediatos de qualquer realidade histórica) sob a forma de impulso, interesse, propósito, inclinação, estado psíquico, movimento – tudo que está presente nele de maneira a engendrar ou medir influência sobre outros, ou que receba tais influências, designo como conteúdo, como matéria, por assim dizer, da sociação.

É dentro do processo de sociação que se percebe a prática da sociabilidade, muito presente no contexto de visitação do público familiar do Parque Zoobotânico do Museu Goeldi, compreendendo sociabilidade como "uma construção social", a qual "realiza-se por meio da vida cultural que viabiliza a junção das formas associativas concretamente existentes" (ALCÂNTARA, 2005, p. 37).

Posto isso, os entrevistados pontuaram que essa experiência se inicia na infância, quando estes eram trazidos pelos pais ou outros responsáveis da família, conforme relata D. Oneide Barros – *Minha experiência? Ah! É do tempo do meu avô (...) ele morava em Soure, quando ele chegava em Belém a primeira coisa que ele fazia: mandava me arrumar – vamos para o Museu*. D. Adriana Castelo Branco, de 45 anos, diz também que a lembrança que tem de experiências de visitas ao Museu é do tempo de criança - *Minha experiência de visita ao Museu Goeldi iniciou desde quando eu era criança, que meus pais me traziam aqui junto com meus irmãos, com minha irmã*.

Dessa forma, os participantes ressaltam também a importância de transmitir tal experiência aos filhos, levando-os ao PZB do MPEG, de modo que estes vivenciem como eles vivenciaram quando criança a experiência de visitação ao ambiente bucólico do Museu: [...] *agora a experiência continua porque trago meus filhos* (D. Adriana Castelo Branco). Assim, também, diz D. Oneide Barros – *Qualquer oportunidade que eu tenho, eu levo meus netinhos, eu levava meus filhos e agora eu trago os meus netinhos*. D. Adriana Castelo Branco descreve que a partir das experiências de visitas percebe este Museu como – *um lugar mágico, um lugar especial, cheio de encantos e mistérios*.

McManus (1994) observou em sua pesquisa que muitas pessoas visitam o museu devido à iniciativa da família em levá-las ao ambiente museológico quando criança. Sob esse contexto, compreende-se que as interações do grupo familiar, suscitadas durante uma visita ao museu são momentos de produção cultural, que são expressas por meio de trocas de experiências, engendradas espontaneamente a partir de ações emotivas. Cabe, para tanto, buscar compreender as estruturas de

sociabilidade presentes no contexto da visita familiar ao Parque Zoobotânico do Museu Goeldi.

O Parque Zoobotânico do MPEG possibilita uma experiência singular aos familiares de Belém e arredores, pois ele possibilita o contato em um ambiente livre, com a natureza amazônica, como ressalta a entrevistada – *A minha experiência de visitar o Museu Goeldi é a satisfação de partilhar de um ambiente natural* (D. Ana Silva). Dessa forma, estar próximo aos animais atípicos do ambiente urbano e de sentir o cheiro do verde e a terra molhada são experiências que o Parque desperta.

O Museu Goeldi estimula ao público a interagir tanto com ambiente quanto com os outros visitantes, tornando-se um lugar de diferentes memórias e narrativas. O ambiente museal é constituído de narrativas concebidas e transformadas por sujeitos diversos dentro do processo de significação patrimonial.

As teias de relações desenvolvidas pelo público familiar no Parque Zoobotânico do Museu P. E. Goeldi estão presentes na memória de cada visitante, fator que torna a instituição tanto palco quanto protagonista das histórias de vida de vários sujeitos. Dessa forma, o MPEG é compreendido como um patrimônio, no sentido de que patrimônio provoca a construção das memórias, podendo despertar a relembrança de experiências, percepções, expressões, as múltiplas vivências.

Essas memórias despertadas durante a entrevista estão classificadas da seguinte forma:

⌗ **Elementos do Parque:** Esta classificação abrange as entrevistas na qual foi destacado elementos que compõem o Parque Zoobotânico como remetentes à memória de visita, sendo citado:

▪ Exposição Indígena: apontada em uma entrevista, essa exposição é relevante pelo fato de contribuir para a construção da identidade paraense;

▪ Saumaumeira: árvore centenária do Parque Zoobotônico, tem um grande destaque em meio a vegetação do Museu por ser uma árvore corpulenta. Para o Sr. Manoel Brasil a Saumaumeira é – *o melhor símbolo do Museu, é imensa* – lembrando que ela é *extremamente estrondosa, uma sombra imensa*. A partir dessa percepção o entrevistado fala da sua relação com a árvore – *gostava de vir contemplar aquela imensidão de árvore, parece até que ela era inatingível, aquela árvore*. Ressalta-se que durante as observações de campo foi perceptível o encanto dos visitantes pela Samaumeira, muitos grupos familiares paravam para registrar com fotografias a visita

familiar em frente ao vegetal, ressaltando a surpresa de se depararem com uma árvore tão imensa.

Também foram citados o Castelinho, o Aquário, o peixe-boi, a cobra, o jacaré, a onça, a tartaruga e as outras exposições como espaços do Parque Zoobotânico que foram elementos para a construção da memória de experiências de visitas das famílias.

Nesta categoria de lembranças percebe-se que os elementos para a memória de visitas ao Parque são bastante diferentes, destacando-se as ações comunicativas do Museu P. E. Goeldi e a vegetação do PZB. Dessa forma pode-se inferir que os participantes têm perspectivas diversas sobre o processo de visitação.

⌗ **Passeios:** Esta classificação sobre as lembranças de visita ao Parque abrange a experiência de visitação como um todo, tomando o PZB como espaço de interação familiar. Dessa forma, é evidente o caráter social que é atribuída às instituições museológicas, sendo ambientes de integração, trocas e encontros. Portanto,

> Experiências afetivas, sensoriais, intuitivas e cognitivas podem ser vivenciadas nos museus que, a rigor, são espaços que propiciam a relação entre os bens culturais e os seres humanos, aqui compreendidos como público (CHAGAS, 2010, p. 49).

Assim, os entrevistados evidenciaram que os passeios familiares possibilitam aos membros das famílias destinarem um tempo para vivenciar experiências em um ambiente agradável e acolhedor, como o Parque Zoobotânico, em conjunto com a família. Um dos participantes relata que – *O Museu reporta essa imagem da família unida.* (...) *Durante a semana é sempre muito difícil de ter essa convivência familiar em função dos trabalhos.* (...) *A gente podia além de observar os animais, mas de curtir o ente da família, de manter todos nós unidos* (Henrique Ramos).

Além dos membros da família o Parque também é ponto de encontro de amigos e namorados, conta D. Oneide Barros – *na mocidade* (...) *a gente já vinha aqui com grupo de amigos, namoradinho*. E, também, D. Maria Silva diz – *marcava encontro com o namoradozinho, quando eu era mais jovem vinha pra cá, às vezes a gente até estudava, fazia trabalhos aqui*.

3.2.1 Imagens

Na aplicação das entrevistas houve também a utilização de fotografias de elementos que compõem a paisagem do Parque Zoobotânico como uma motivação para ativar o processo da narração dos entrevistados. O resultado desse processo foi a identificação de espaços e das redes de sociabilidade que é ativado nessa experiência.

Foram selecionadas fotografias de 08 elementos do Parque Zoobotânico do MPEG que eram entregues ao entrevistado(a), ficando ao critério dele ou dela escolher uma ou mais imagens para comentar.

Assim, as imagens despertaram as seguintes lembranças:

⌗ **Ariranha:** 07 das 15 pessoas escolherem a ariranha para comentar. Os comentários foram bastante distintos nas 4 categorias de grupos familiares. Uma entrevistada comparou o cheiro da ariranha ao cheiro de peixe; outra descreveu o animal como malabarista, devido aos movimentos na água; foi caracterizada, também, como veloz.

Já o entrevistado Murilo Vieira percebe o som diferente que a ariranha emite – *Eu gostava muito de vê-las porque eu achava engraçado, achava muito engraçado como elas soavam esse som, totalmente diferente* – Vale atentar que um dos entrevistados comparou a ariranha com a lontra, comparação essa muito comum aos visitantes do Parque. Outras percepções são sobre a beleza do animal e a necessidade de cuidá-la para preservar a espécie e poder mostrar ao filho(a) os animais que teve contato no Museu Goeldi quando criança.

⌗ **Aquário Jacques Huber:** Também este espaço do Parque Zoobotânico foi comentado por 7 pessoas entre as 15 que participaram da entrevista. As falas são, predominantemente, de representantes da categoria I, dos quais 4 ressaltaram o fato deste espaço estar fechado para reforma há muito tempo, podendo inferir que este é um dos fatores de ser pouco comentado pelos entrevistados, sendo destacada em muitos comentários a falta de informação sobre a reforma, como é possível notar no relato de seu Paulo Silva, de 62 anos – *É uma parte que eu gosto muito de visitar e eu pensei que eles tivessem acabado, que não tivesse mais*.

Imagem 4: Aquário Jacques Huber. Fonte: Site Museu Goeldi.

Embora o Aquário seja considerado para muitos um *ícone* do Museu, houve entrevistado que afirmou não ter tido o hábito de visitá-lo quando estava aberto – [...] *por incrível que parece, é um dos lugares que eu pouco vou, acho que foi uma ou duas vezes só* – conta seu Manuel Brasil. Rúbia Silva de 25 anos não se lembra de ter visitado o espaço - *olha o Aquário eu não sei... acho que ele é novo. A última vez que me recordo é que eu queria entrar, mas não tava podendo por causa da reforma*.

Entretanto, para os entrevistados que se recordaram do lugar foi ressaltado a variedade de peixes amazônicos, Ellen Pereira que faz parte da 4ª categoria relata a seguinte lembrança – [...] *nós passávamos horas e horas ali dentro e nem víamos o tempo passar, comparando um peixe com outro, as cores, as formas* [...], *e lá não era só peixe, tinha arraia, tinha várias espécies*. Uma entrevistada recorda ainda de como o Aquário reproduzia o fundo mar – *Eu me lembro quando a gente entrou lá pela primeira vez eu fiquei impressionada* [...] *com a forma com que foi feito o próprio ambiente dentro do Aquário, como eles organizaram que parecia mesmo o fundo do mar* – (Adriana Castelo Branco). Já Ellen Cavalcante lembra-se do Aquário mais antigo – [...] *na época eu me lembro do Aquário antigo que eu achava bacana também, apesar de ele ser bem rústico, mas era legal*.

⌗ **Cutia:** A imagem da Cutia foi utilizada para compreender a relação entre o público familiar e a fauna livre do Parque. Observou-se que 7 dos entrevistados relataram as respectivas percepções sobre este animal.

Imagem 5: Cutia. Fotografia: Ana Cláudia Silva, 2012.

Nota-se que a Cutia está presente na memória dos grupos familiares como um animal que remete à liberdade, sendo inerente ao ambiente natural. O Manuel Brasil relata – *Cutia é a precisão do meio ambiente, de você pisar e as crianças andarem descalças naquela areia, pisar na terra molhada, sentir o cheiro do verde, dos animais que deveriam estar assim soltos*.

A livre circulação das Cutias no Parque desperta uma sensação de contato direto com a natureza, de estar próximo de animal típico da floresta amazônica, para Rúbia da Silva a cutia – *é a que tem mais facilidade de ver, porque ela tá livremente pelo espaço e aí a gente fica com aquela sensação de tá realmente em contato aquele animal na natureza*.

Somente um dos entrevistados diz não ter boas lembranças deste animal, pois lhe causava aflição. De modo geral, os participantes observam o vai e vem do animal, como se estivesse ocupado o tempo inteiro e, também, dizem que a cutia é muito intrometida, está sempre no meio dos visitantes.

⌗ **Castelinho:** Entre os 15 entrevistados 10 escolheram como uma das imagens o Castelinho para comentar. A maioria dos relatos converge para as mesmas percepções. Este espaço pode ser conhecido como um ambiente de fruição da imaginação. O Castelinho foi construído em 1901 na direção de Emílio Goeldi com a função de caixa d'água, a arquitetura remete à imagem de uma ruína de castelo. No mirante, que proporcionava a vista da paisagem do Parque Zoobotânico, foram instaladas gaiolas de corujas.

Imagem 6: Castelinho. Fotografia, Emilly Santos, 2013.

Muitos contam que na infância a visita ao Castelinho era um momento de criação de narrativas sobre fantasmas, príncipes e princesas, dragões, castelo assombrado. Ana Silva diz que o castelinho – *Mexe com a nossa imaginação quando eu era criança eu olhava isso daqui a gente viajava* [...]. *As estorinhas que os pais contavam de príncipes e princesas, os carrascos e tudo mais, reporta pra um monte de momentos fantasiosos na nossa memória*. 3 entrevistados dizem que o Castelinho causava medo nas crianças que ouviam essas estórias de fantasmas e princesas. Outra entrevistada destaca que o cenário desse local desperta narrativas sobre as lendas amazônicas – *eu acho, assim, que esse castelo lembra muito o mistério do nosso próprio universo amazônico* – (Ellen Pereira).

Além disso, para alguns entrevistados o Castelinho, inserido no contexto do Parque Zoobotânico do MPEG, reflete o antagonismo entre a arquitetura antiga e contemporânea da cidade – *é uma coisa assim rústica* [...] a *gente olha pra cidade e vê como é que tá a arquitetura e vê como era a de antigamente* – compara Dulcie Menezes. Em meio a esse imaginário sobre o Castelinho, o lugar também é tomado como espaço de brincadeira das crianças, Murilo Vieira relembra dos momentos de diversão – *eu gostava muito de brincar com meus primos aqui, eu brincava muito, subia, descia, caia, 'se' sujava*. Também é lembrado que o cenário do Castelinho é uma parte histórica do Parque. Esses são fatores importantes para as diversas interpretações e formas de uso do elemento arquitetônico do PZB.

⌗ **Espaço Raízes:** Comentado por 11 pessoas, o Espaço Raízes foi lembrando por ser o local que funcionava a lojinha de artesanato, 4 pessoas relatam,

sendo 3 da 1ª categoria e uma da 2ª, dentre elas está Ellen Cavalcante que diz – *antigamente tinha muito artesanato* [...] *era bem movimentado* [...] *Tinha todo tipo de artesanato daqui*. E 4 pessoas lembram também que esse local era destinado para as vendas de comidas típicas – [...] *me lembro que quando criança tinha comidas típicas, tipo vatapá, tacacá, mingau. E eu lembro muito de nós reunidos* [...] *e degustando as comidas paraenses* – conta Henrique Ramos.

Imagem 7: Espaço Raízes. Fotografia: Emilly Santos, 2013.

Embora as malocas estejam desativadas atualmente o Espaço Raízes não deixa de ser um lugar muito importante para o público familiar que visita o MPEG, destinando o espaço para novos usos, dentre eles, está mais presente na memória dos participantes a utilização do lugar para eventos realizados, principalmente, pelo Núcleo de Visitas Orientadas ao Parque Zoobotânico do Museu P. E. Goeldi, como a festa anual da árvore e o próprio aniversário do PZB, cujas atividades envolvem todos os presentes, incluindo o público familiar.

Enfim, o Espaço Raízes se configura como um lugar de reunião e integração familiar. Dulcie Menezes conta que a área livre desse ambiente é adequada para fazer peque-nique com a família – [...] é *bom pra gente sentar e fazer um piquenique, a gente fica ali comendo, olhando, faço muito isso* – Como pode-se observar este é um espaço do PZB do Museu, cujos grupos familiares que frequentam o Museu se apropriam atribuindo novos usos e significados.

⌗ **Jacaré-Açú:** Este é um dos animais mais procurados do Parque Zoobotânico, dizem 2 dos 11 entrevistados que escolheram a fotografia do Jacaré-

Açú porque é um animal diferente, de grande porte e selvagem, difícil de ver no dia-a-dia.

Imagem 8: Jacaré-Açu. Fonte: Site Museu Goeldi

Dentro do Parque, os visitantes sentem-se mais próximo do jacaré, que por vezes é muito *temível*, como classifica 2 participantes. Dois entrevistados ressaltaram a característica inerente do jacaré o fato de ser um réptil estático, pouco se movimenta – *Toda vez que eu venho aqui esse Jacaré está do mesmo jeito né? Parece que ele está empalhado* – compara Ellen Cavalcante.

Além disso, uma entrevistada salienta o fato de o Jacaré-Açu estar ameaçado de extinção, sendo o Museu um espaço de preservação desse réptil que representa a fauna amazônica. Hedylamar Beckmann diz que o jacaré-açu – *lembra muito a Amazônia,* [...] *A valorização do Pará, das coisas da terra sabe? As nossas raízes*. Sendo assim, é ressaltada a importância do animal típico da Amazônia como parte da identidade cultural e a consequente necessidade de preservá-lo.

⌗ **Macaco:** Escolhido por 12 entrevistados, o Macaco é conhecido, segundo 3 entrevistados, como engraçado e divertido e, também uma entrevista diz que esse mamífero é muito *ouriçado*. Nota-se nas observações de visitas que ele é bastante visitado, um entrevistado observa que os familiares gastam um significativo tempo interagindo com os macacos – *O macaco sem dúvida era o que mais levava tempo querendo brincar, interagir com ele* – (Henrique Ramos de 38 anos).

Antonia Assunção pontua – *Acho que eles sofrem muito também de ficarem ali por muito tempo engaiolados, tem que dar uma volta com eles de vez em quando*.

Dessa forma, o macaco torna-se a representação do ambiente natural do Parque Zoobotânico – *Quem vai no Museu e não mexe com o macaco, não brinca com o macaco não foi no Museu* – ressalta Murilo Vieira. São os filhos imitando o som dos macacos, são os pais mostrando aos filhos o animal divertido, é a família inteira provocando o animal para fazer suas traquinagens, causando risadas em todos os presentes.

Imagem 9: Macaco. Fotografia: Emilly Santos, 2013.

É importante compreender que a realidade é percebida pelos sujeitos sociais a partir das práticas de experiências engendradas sob as normas técnicas-políticas. Em consequência, o espaço no qual ocorre as práticas sociais também é regulado. As normas gerais apresentam, portanto, um importante papel na sociedade devido ao seu conteúdo técnico e informacional interferir profundamente nos comportamentos desses sujeitos. Pode-se inferir, portanto, que esses lugares do Parque Zoobotânico são ao mesmo tempo reguladores e regulados pelas práticas de sociabilidade que se tornam inerentes a eles.

Observa-se, nesse sentido, que no recinto dos macacos são produzidas risadas suscitadas pela interação entre os grupos familiares e os animais. Já no Espaço Raízes é um momento de interação social não somente intragrupo, mas também, entre os grupos familiares, os quais fazem uso do espaço para alimentação, chegando a realizar até mesmo piquenique. O Castelinho é um ambiente que faz emergir as narrações de estórias bastante diferentes, que são despertadas pelo cenário antigo e rústico.

A cutia por ser parte da fauna livre do Parque inspira aos visitantes a liberdade e a sensação do contato direto com a natureza. Já o Jacaré-Açú embora tenha como principal característica ser um animal estático, sendo comparado a um animal *empalhado*, causa muito temor devido ao tamanho e também por ser conhecido como um dos principais predadores da natureza.

3.2.3 Significados

Como foi explanado nos capítulos anteriores, os grupos familiares estão estreitamente ligados pelos saberes e práticas, sendo possível desenvolver interações de forma espontânea no cenário museológico, como é o caso do Parque Zoobotânico do MPEG. Esse espaço engendra relações, vínculos e expressões, tornando-se palco de criação e referência da identidade sociocultural.

A experiência humana gera trocas sociais a partir do intercâmbio de conhecimento, que possibilita, conseguintemente, a construção de significados. O sentido de cada museu está relacionado ao papel social e as representações simbólicas que são atribuídas a ele. Nesse processo, percebe-se a multiplicidade de significados, produzidos por meio de negociação e relação entre o sujeito, o patrimônio e o cenário.

Posto isso, tem-se disposto os significados dos grupos familiares sobre o MPEG a partir da classificação pelas categorias de composição das famílias que visitam o referido Museu, seguido de quadros com termos citados pelos entrevistados sobre os significados que atribuem a ele. Esse quadro apresenta a quantidade de entrevistados que citou o mesmo termo, considerando que um entrevistado pode apresentar em seu discurso mais de um termo. Assim, evidencia-se o quanto os significados do Museu P. E. Goeldi são convergentes:

⌗ **1ª Categoria:** entre os 10 representantes familiares que se enquadram nesta categoria 4 destacaram a significância do MPEG para a preservação da cultura e da natureza da região amazônica, pois a região metropolitana de Belém está se urbanizando aceleradamente, fator que contribui para devastação da vegetação existente.

4 participantes assinalaram que o Parque Zoobotânico é muito importante pelo fato de proporcionar um contato com animais vivos e com a extensa vegetação no centro de uma cidade bastante urbanizada – [...] *a gente sente assim a Amazônia mesmo aqui* – compara Maria da Silva. E também Rúbia Silva descreve que o Parque é – *um espaço natural no meio urbano. E isso é muito raro em uma grande metrópole como está Belém agora*.

Para uma entrevistada, o Museu P. E. Goeldi significa a representação da Amazônia, é a referência da cidade de Belém. Já outro representante do grupo familiar compreende a instituição como um espaço de interação e de encontro – *O Museu Goeldi representa a interação do meio ambiente com a sociedade e, principalmente, a interação familiar [...] é um local onde as famílias se encontram, não só família, parentes e amigos* – relata Henrique Ramos. Para uma entrevistada o Museu Goeldi significa o lazer familiar devido ao ambiente agradável. Além disso, para outro participante o ambiente emite tranquilidade, sendo propício para relaxar e refletir. Para Adriana Castelo Branco - *O Museu é* (...) *como um pedaço da minha casa, tipo como se fosse o quintal da minha casa, porque eu gosto demais de vir pra cá*. Percebe-se que o Museu apresenta um forte vínculo com as famílias paraenses.

SIGNIFICADOS	Nº DE ENTREVISTADOS
Preservação da natureza	IV
Contato com a natureza	IV
Verde	II
Representação da Amazônia	I
Local de encontro familiar	I
Tranquilidade	I
Lazer da família paraense	I

Fonte: Pesquisa de Campo, 2012 – 2013.

⌗ **2ª Categoria:** percebe-se que converge à categoria anterior sobre o papel do Museu na preservação tanto da flora e fauna típica da Amazônia, quanto da cultura e da história do Pará – *é importante a gente ter um museu, um local, um conservatório de alguma coisa, alguma coisa que a gente possa resgatar o histórico do nosso lugar, nosso ambiente natural* – (Antônia Assunção). Outra representante fala que o Museu é importante, pois é palco de várias lembranças de infância quando

visitava o Parque Zoobotânico com o avô e mais tarde, adolescente, quando usava o espaço namorar.

SIGNIFICADOS	Nº DE ENTREVISTADOS
Preservação	I
Recordação	I

Fonte: Pesquisa de Campo, 2012 – 2013.

⌗ **3ª Categoria:** Nesta categoria o único representante remete ao Museu Goeldi também lembranças de infância, quando o visitava com a família – [...] *ele* (Parque Zoobotânico) *traz à tona o nosso passado, pelos nossos momentos de confraternização entre famílias* (Murilo Vieira). O entrevistado descreve, ainda, o cheiro, a cor, a consistência da terra e o clima – *a gente passa e fica sentindo aquele cheirinho do verde, aquele clima, a terra molhada, aquele clima bem friozinho*.

SIGNIFICADO	Nº DE ENTREVISTADOS
Recordação de visitas familiares	I
Sensações: cheiro, cor, terra molhada, clima	I

Fonte: Pesquisa de Campo, 2012 – 2013.

⌗ **4ª Categoria:** Uma das duas entrevistadas desta classe ressalta igualmente à percepção do entrevistado da 3ª categoria, dizendo que a importância do Museu P. E. Goeldi está no fato de ser um lugar que remete às recordações de infância. A outra participante pontua que este Museu é um lugar afetivo-familiar, pois os laços que mantém com ele foram construídos desde a infância com o pai, e da mesma forma busca construir com os filhos.

SIGNIFICADOS	Nº DE ENTREVISTADOS
Lugar afetivo/familiar	I
Recordação	I

Fonte: Pesquisa de Campo, 2012 – 2013.

Desse modo, nota-se que os significados atribuídos ao Museu P. E. Goeldi são expressivamente diversificados, todavia eles se convergem ao fato de

compreenderem o papel dessa instituição no que tange à preservação da cultura e da fauna e flora inerentes ao ambiente amazônico. Sendo assim, os grupos familiares notam que o fato de ter um espaço natural inserido em um contexto urbano, como é o caso do Parque Zoobotânico em Belém do Pará, é bastante peculiar. Outrossim, o referente Parque é um lugar de vivências familiares que são recordadas em cada nova visita. Por tudo isso, o Museu Goeldi é tomado como um símbolo da identidade das famílias paraenses.

3.2.4 Representações

Diante do processo de experiências museológicas despertadas durante a visita ao Parque Zoobotânico do MPEG, a partir das quais são construídos os múltiplos significados deste Museu, é possível propor aos grupos familiares a produção de representações que venha ao encontro desse processo. É importante refletir sobre o fato de que os fenômenos da representação social podem ser percebidos em todas as formas de relações humanas, sendo, dessa forma, polissêmicos e continuamente em transformação:

> Os fenômenos de representação social estão (...), na cultura, nas instituições, nas práticas sociais, nas comunicações interpessoais e de massa e nos pensamentos individuais (SÁ, 1998, p. 21).

Em aspectos gerais, a Representação Social são construções de pensamentos sobre inúmeros e diferentes conhecimentos da vida cotidiana, desenvolvidos “de forma complexa, fluida e entrecruzada” (SÁ, 1998, p. 22), por diversos grupos que tenham contato com esses conhecimentos.

O quadro seguinte dispõe as representações dos representantes dos grupos familiares que participaram da pesquisa:

REPRESENTAÇÕES
Aconchegante
Vida
Necessidade
Liberdade
Tranquilidade
Reflexão
Valorização
Família
Verde
Espetacular
Nostalgia
Tudo de bom
Agradável
Essencial
Importante

Fonte: Pesquisa de Campo, 2012 – 2013.

As representações aqui apresentadas são fruto das interações sociais desse grupo, desenvolvidas por meio do processo de apropriação desse espaço, fator que possibilita a construção de um sentido afetivo e histórico, engendrando o processo de simbolização que atribui a este Museu um significado patrimonial. Nesse sentido, o MPEG é um espaço de reflexão, criação e imaginação que engendram o desenvolvimento social e cultural das famílias belenenses, ele está, portanto, sendo construído em uma realidade diversificada e dinâmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui abordado visou produzir um plano teórico que possibilite perceber e compreender as relações dos grupos familiares visitantes do Museu Paraense Emílio Goeldi, a partir das quais são desenvolvidas as experiências de visitas museológicas deste público.

Considerando que a relação entre museu e sociedade está cada vez mais se aprofundando, devido, sobretudo, às mudanças sociais, econômicas e políticas ao longo do tempo, é notado que são desenvolvidas novas e diferentes configurações e usos das instituições museológicas. A relação entre cultura e desenvolvimento, enquanto processo de negociação de diferentes atores sociais, tem nas instituições museológicas contexto principal, sendo engendradas construção e legitimação da identidade sociocultural.

O trabalho foi desenvolvido sob a luz da Museologia Social, cujo entendimento de museu é uma instituição dinâmica e interativa, voltada para as necessidades e questionamentos da sociedade, de modo a contribuir para a construção de cidadãos críticos e engajados socialmente. É necessário perceber, assim, que a relação museu e Museologia é um ponto essencial para levar a cabo o processo de construção de identidade da sociedade contemporânea, buscando novos meios de comunicação e preservação do patrimônio, de modo a possibilitar a transformação e ressignificação desses bens.

Nota-se que o Museu Paraense Emílio Goeldi faz parte da história, da memória, da cultura, enfim do cotidiano de Belém. Para as famílias belenenses o Parque Zoobotânico compõe, dentro da cidade urbanizada e agitada, uma paisagem natural, cujo ambiente emite tranquilidade e harmonia.

A partir do forte laço entre o público familiar e o MPEG é possível perceber, frente às grandes transformações contemporâneas, que os museus se estabelecem no cenário sociocultural, sendo um ambiente propício para o desenvolvimento das redes de sociabilidades e instrumento chave para o processo de ressignificação patrimonial. O significado do museu é diverso, pode ser local de encontro, de preservação e de práticas culturais paraenses.

O hábito de visitação, transmitido ao longo das gerações das famílias, se torna, essencialmente, uma prática de sociabilidade e de educação. Durante a entrevista percebeu-se que o principal hábito é ter contato próximo com os animais, sendo observadas pelos participantes as constantes mudanças das espécies presentes.

O Espaço Raízes é codificado como local de encontros, de alimentação e de descanso dos grupos familiares. O Castelinho foi interpretado como espaço de narração de estórias de príncipes e princesas, de terror e lendas locais. O recinto do macaco é o espaço do riso e da anedota. A cutia – fauna livre – é bastante emblemática para o grupo em questão, pois a associação com esse animal representa o sentido da liberdade e da interação do público, sem tanta coibição ou obstáculos que impeçam a aproximação das pessoas com este animal. O jacaré-açu está relacionado com a identidade da Amazônia, sendo ligado à ambiência mais silvestre.

A visita ao PZB é um momento de despertar os sentidos e perceber as diferentes vidas na natureza –*você fica em silêncio, você escuta a natureza, você escuta o vento, você escuta o pássaro, você vê o peixe* (Dulcie Menezes, entrevistada). É no contexto museológico do Parque Zoobotânico que as famílias vivenciam experiências simples e essenciais para construção de pertencimento e identidade. Os entrevistados pontuam que essa vivência é fundamental também para as crianças, de modo a criar nelas uma sensibilidade sobre a preservação do meio ambiente e, consequentemente, mostrar a importância de viver um cotidiano baseado na prática da sustentabilidade.

Notou-se que o MPEG faz parte da construção do pertencimento à cultura amazônica dos grupos familiares da região metropolitana de Belém. Nesse sentido, essas famílias se consideram, também, como protagonistas no processo de preservação tanto da cultura quanto do meio ambiente. –*É saber que ali, naquele pequeno espaço tem um mundo, que ali tem vários animais, tem várias vegetações, que representa toda a nossa região e que ali tem conhecimentos importantes pra nossa continuação, pra respeitar a natureza, pra preservar e valorizar* – diz Ana Silva.

Henrique Ramos descreve os objetos e alimentos que fizeram e fazem parte de muitas visitas de crianças com familiares: *Lembro que tinha aqueles brinquedos manuais de bater asa, aquelas bolas enormes, pipoca, algodão doce. Isso tudo foram momentos marcantes que eu tento hoje passar para meu filho*.

O público familiar apresenta um laço muito forte com o MPEG, Ana Silva descreve o Parque Zoobotânico da seguinte forma: *naquele pequeno espaço tem um mundo, [...] ali tem vários animais, tem várias vegetações, [...] representa toda a nossa região. E [...] ali tem conhecimentos importantes pra nossa continuação, pra respeitar a natureza, pra preservar e valorizar*. As famílias, de maneira geral, indicam o PZB como um espaço familiar, um espaço em que o tempo da família marca um processo de interação e compartilhamento de memórias e experiências.

Frisa-se que o PZB está passando por um processo de Revitalização. Devido a isso muitos animais não estão em exposição (cobras, peixe-boi e aquário), fatores que foram bastante questionados tanto pelos grupos participantes da pesquisa quanto pelos demais grupos familiares que buscavam informações com a pesquisadora. Destaca-se a ausência do peixe-boi, pois foi percebido um forte laço afetivo das famílias da região com o animal, lamentando o óbito dele.

Outrossim, os familiares sentem falta do restaurante de comidas típicas que funcionava no Espaço Raízes. Diante dessas questões, os grupos familiares notam a necessidade de um maior cuidado com o Parque Zoobotânico, cuidado esse que deve partir tanto dos profissionais quanto dos públicos que se apropriam dele.

Os entrevistados não mencionaram em nenhum momento alguma atividade específica para a família durante a experiência de visita ao MPEG, mas pode-se observar que a relação de sociabilidade estabelecida entre os membros familiares é que proporciona o sentimento de compartilhar conjuntamente a visita.

Os entrevistados ficaram satisfeitos com o processo da entrevista, pois nunca tinham parado para pensar sobre a relação museu e família e destacaram também que a iniciativa da pesquisa é positiva, pois é necessário que o Museu tenha uma vertente mais comunicacional com as famílias, de modo que possam participar da programação não como meros contempladores, mas sim como propositores de ações museológicas.

Frente aos questionamentos suscitados pelos visitantes que participaram desta pesquisa, cabe refletir se esta instituição está atendendo à contento toda a diversidade do público familiar? E, ainda, questiona-se, quais os caminhos que o MPEG deve trilhar de modo a alcançar tal finalidade?

Nesse sentido, é importante que haja uma reflexão por parte do MPEG sobre o seu público, em particular o público familiar. Ouvir as famílias, estabelecer proposições e programações com e sobre a família pode ser uma estratégia de

construir os laços de pertencimento, memória e sociabilidade na relação museu e família.

Nesse sentido, pode-se questionar: De que forma o PZB/Museu trabalha com a interpretação e experiências vivenciadas pelo público familiar em suas ações educativas? E de que forma o estudo de público/público familiar vem proporcionando ferramentas e reflexões no que tange às atividades desenvolvidas e ao processo de compartilhamento de ações entre o MPEG e o seu público?

Chagas (2010, p. 52) ressalta que:

> As diversas instituições museológicas na atualidade debatem a importância de sua comunicação com o público, pois sabem que a sociedade é a peça chave para os museus, agentes que lhe dão sentido e vigor enquanto espaço de trocas e aprendizados.

Portanto, se faz necessário o planejamento de ações comunicativas, tais ações devem requerer a participação ativa de cada membro familiar, tomando-o como sujeito produtor de suas próprias percepções, interpretações e reflexões críticas. Para tanto, é preciso que este Museu compreenda o público familiar como uma audiência espontânea e essencialmente diversificada. Tomando as famílias que frequentam o Parque do Museu Goeldi como um público ativo, torna-se necessário que as ações museológicas desenvolvidas pela instituição sejam um processo discutido junto com este público.

Ressalta-se a importância da prática de pesquisas de público visitante e não visitante, com intuito não somente de obter dados concretos sobre eles, mas também, de criar uma ponte entre o museu e os públicos que ele representa. Ponte essa que deve se desenvolver por meio de um contato direto, fortalecendo os laços de pertencimento. Nessa ótica, as pesquisas de público devem servir como meio para se estabelecer essa relação.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA Jr, José. O Conceito de Sociabilidade em Georg Simmel. **Ciências Humanas em Revista**, São Luís,v. 3, n. 2, p. 31-40, dez. 2005.

ARAÚJO, Carlos. Museologia: correntes teóricas e consolidação científica. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**,Rio de janeiro, v. 5, n. 2, p. 31-54, 2012.

BOLETIM, Rio de Janeiro, ano 1, ago 2006. (Pesquisa Piloto Perfil. Opinião 2005: Onze Museus e seus Visitantes. Rio de Janeiro e Niterói)

CADERNOS de Sociomuseologia: Centros de Estudos de Sociomuseologia, v. 15, n. 15, 1999.

CAZELLI, Sibele; MARANDINO, Martha; STURDART, Denise.Educação e Comunicação em Museus de Ciência: aspectos históricos, pesquisa e prática. In: GOUVÊA,Guaracira; MARANDINO, Martha; LEAL, Maria C. (Orgs.). **Educação e Museu**: A Construção Social do Caráter Educativo dos Museus de Ciência. Rio de Janeiro: Access, 2003, p. 83-106.

CAZELLI, Sibele; COIMBRA, Carlos. Pesquisas educacionais em museus: Desafios colocados por diferentes audiências. In: WORKSHOP INTERNACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM MUSEUS,1., 2012, São Paulo. Anais São Paulo: Museu de Astronomia, 2012. P. 1-13.

CHAGAS, Mário S. **Há uma gota de sangue em cada museu**: a ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó: Arcos editora universitária, 2006. 136p.

_____. Pesquisa Museológica. In: MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. **Museu e Museologia**: Interfaces e Perspectivas. Rio de Janeiro: MAST, 2005. (MAST Colloquia; 7).

CHAGAS, Mário; et al. Museu e Público Jovem: percepções e receptividade. **Museologia e Patrimônio:** Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio PPG-PMUS, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, jan/jun 2010.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**: Cultura e Imaginário. São Paulo: Editora Iluminuras, 1997.

CONSTANCIA, João P. M. A Evolução de Conceitos Entre as Declarações de Santiago e de Caracas. **Cadernos de Museologia**, **n.** 1, p. 63-67, 1993.

CURY, Marília Xavier. Museus e Amigos - Os Museus como Amigos. **Revista Museu**, Rio de Janeiro, 2003. Acessado em: 15 jan. 2014. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=1812>.

_____. Os Usos que o Público Faz do Museu: a (re)significação da cultura material e do museu. **Musas**: Revista Brasileira de Museus e Museologia, Rio de Janeiro, v. 1, n.1,2004.

_____. Museologia, novas tendências. In: MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. **Museu e Museologia**: Interfaces e Perspectivas. Rio de Janeiro: MAST, 2009. (MAST Colloquia; 11).

ELLENBOGEN, K. M. **Museums in Family Life:** An Etnographic Case Study. In: LEINHARDT, G.; CROWLEY, K.; Knutson, K. (Eds.). Learning conversations in museums (pp. 81-101). Mahwah: Erlbaum, 2002.

FALK, John; DIERKING, Lynn. **The museum experience**. Washington: DC, 1992.

FRENKEL, Eliane Ezagui. **Famílias no Museu Nacional**. 2012. 178f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. MAST, Rio de Janeiro, 2012.

GOELDI, E. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Sodré, Governador do Estado do Pará, pelo Diretor do Museu Paraense. **Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia,** Belém, v. 2, n. 3, 1897.

GREGOROVA, A. A discussão da museologia como disciplina científica. **Cadernos Museológicos**, Rio de Janeiro, n. 3, outubro, 1990.p. 45-49.

GUARNIERI, Waldisa R. Camargo. Conceito de Cultura e sua Inter-relação com o Patrimônio Cultural e a Preservação. **Cadernos Museológicos**, Rio de Janeiro, n. 3, outubro, 1990.

HOOPER-GREENHILL, Hilean. **The educacional role of the museum**. New York: Routledge, second edition,1999.

KÖPTCKE, Luciana. Observar a experiência museal: uma prática dialógica? In: RIBAMAR, José. **Avaliação e Estudo de Públicos de Museus e Centros de Ciência**. Rio de Janeiro, 2003. (Caderno do Museu da Vida).

_____. Público, o X da Questão? A construção de uma agenda de pesquisa sobre os estudos de público no Brasil. **Museologia e Interdisciplinaridade:** Publicação eletrônica de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Brasília, v. 1, n. 1, 2012.

McMANUS, Pulette. Families in Museums. In: TOWARDS the Museum of the Future: New European Perspectives. Londres: Routledge, 1994.

Museu Paraense Emílio Goeldi. Plano Diretor do MPEG, 2006-2010. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2006.

POSSAS, Helga C. Gonçalves. Classificar e Ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural. In: FIGUEREIDO, Betânia G.; VIDAL, Diana G. (Orgs.) **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm; Brasília, DF: CNPq, 2005.p. 151-162.

PRADO, Danda. **O que é Família**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiro Passos; 50).

SÁ, Celso Pereira. **A Construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

SANJAD, Nelson. **A Coruja de Minerva:** o Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907). Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2010.

_____; et al. Documentos para a história do mais antigo jardim zoológico do Brasil. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas**, Belém, v. 7, n. 1, p. 197-258, jan-abr, 2012.

SANTANA, Lúcia. A importância da criação de um Museu de Ciência e Tecnologia para o Estado do Pará. **Revista Ver-a-Ciência**, Belém, n. 1, junho 2012.

SANTOS, Milton. Objetos e Ações, Hoje. As Normas e o Território. In: _____. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. Ed. 2 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHEINER, Tereza. Museologia ou Patrimonionologia: reflexões. In: **Museu e Museologia**: Interfaces e Perspectivas. Rio de Janeiro: MAST, 2009. (MAST Colloquia; 11).

SCHWARCZ, Lilia M. **O Espetáculo das Raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOARES, Bruno C. Brulon. A experiência museológica: Conceitos para uma fenomenologia do Museu. **Revista Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, 2012.

_____. Entendendo o Ecomuseu: uma nova forma de pensar a Museologia.**Revista Eletrônica Jovem Museologia:** Estudos sobre Museus, Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, ano1, n. 02 ago 2006.

STRÁNSKÝ, Zbynek. Museologia – Ciência ou apenas trabalho prático? (1982) **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro,bv. 1, n.1, 2008. (Tradução de Tereza Scheiner). Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/10/5>. Acessado em: 15 jan. 2014.

STUDART, Denise. Famílias, Exposições Interativas e Ambientes Motivadores em Museus: o que dizem as pesquisas? **Cadernos do Museu da Vida Avaliação e Estudos de Públicos no Museu da Vida**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 33-42, 2003.

_____. Museus e Famílias: Percepções e comportamentos de crianças e seus familiares em exposições para público infantil. **História, Ciências, Saúde** – **Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12 (suplemento), p. 55-77, 2005.

VALENTE, Mª Esther. A Conquista do Caráter Público do Museu. In: GOUVÊA, Guaracira; MARANDINO, Martha; LEAL, Maria C. (Orgs.). **Educação e Museu**: A Construção Social do Caráter Educativo dos Museus de Ciência. Rio de Janeiro: Access, 2003.

APÊNDICE

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Programa Institucional de Iniciação Científica – PIBIC/

Fundação Amazônia Paraense – FAPESPA

Memória, Percepção e Sociabilidade em um museu de Belém: Estudo da percepção e interação do público familiar visitante do Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi

Pesquisadora: Emilly Santos

Orientadora: Ana Cláudia da Silva

Este questionário está sendo aplicado por meio da pesquisa sobre percepção, memória e sociabilidade do visitante familiar do Parque Zoobotânico do Museu Goeldi, a qual tem como finalidade compreender como são desenvolvidas as relações entre os visitantes e o Museu. Desse modo, é fundamental conhecermos tuas percepções e relações realizadas neste lugar.

Deixamos claro que as informações são exclusivas para análise desta pesquisa

Agradecemos sua participação!

Data: ___/___/20__ S T Q Q S S D

Família: _____

Composição familiar do grupo que visita o Museu

1. Com quantas pessoas você está visitante este Museu?

   _____

2. Com qual (is) pessoa (s) você está visitando o Museu?
   ( ) Cônjuge/Companheiro (a)
   ( ) Filhos
   ( ) Pai
   ( ) Mãe
   ( ) Avô/avó
   ( ) Outros membros da família. Quais? _____

Conhecendo o Contexto Social e Pessoal

3. Qual o município que você mora? _____
4. Qual o bairro que você mora? _____

5. Sexo: ( ) feminino
   ( ) masculino
6. Idade:
   ( ) 09 – 13 ( ) 14 – 18 ( ) 19 – 25 ( ) 26 – 39 ( ) 40 – 59 ( ) 60 ou mais

7. Qual o nível de escolaridade?
   ( ) Primário ( ) Secundário ( ) Superior

8. Qual a renda familiar mensal?
   ( ) 1 salário mínimo ( ) 2 salários mínimos ( ) 3 salários mínimos

( ) mais de 30 salários mínimos

Conhecendo Antecedentes e Circunstâncias de Visita

9. Qual a etapa da sua vida em que conheceu este Museu
   ( ) Infância ( ) Juventude ( ) Fase Adulta ( ) Melhor Idade ( ) Não sei

10. Qual foi o principal motivo que lhe motivou a visitar o MPEG?
    ( ) Curiosidade em conhecer o Museu
    ( ) Alargar horizontes
    ( ) Lazer/Diversão
    ( ) Apresentá-lo aos filhos
    ( ) Reunir a família
    ( ) Ocupação de tempo livre
    ( )Interesse pelas exposições
    ( ) Interesse pelos animais
    ( ) Custo baixo
    ( ) Outro _____

11. Com qual frequência, ao ano, você visita este Museu
    ( ) Uma vez ( ) Duas vezes ( ) Três vezes ( ) Quatro vezes ( ) Mais de quatro vezes

Conhecendo Hábitos Culturais

12. Você costuma visitar outros museus ou centros culturais?
    ( ) Sim. _____
    ( ) Não

13. Com que frequência ao ano você costuma visitar museus ou centros culturais
    ( ) Uma vez
    ( ) Duas vezes
    ( ) Três vezes
    ( ) Mais de três vezes

14. Em sua opinião qual a principal função do museu?
    ( ) Preservação e difusão do patrimônio cultural
    ( ) Educação
    ( ) Pesquisa
    ( ) Turismo
    ( ) Lazer
    ( ) Outras. Quais? _____

Conhecendo a percepção da visita

15. Qual o seu lugar preferido neste Museu?
    _____

16. Até este momento, quanto durou sua visita?
    ( ) 30 min. ( ) Mais 30 min. a 1h ( ) Mais de 1h a 2h ( ) mais de 2h

17. Em relação à visita
    ( ) Muito satisfeito/a ( ) Satisfeito/a ( ) Pouco satisfeito/a
    ( ) Insatisfeito/a
    Por quê?
    _____
    _____
    _____

18. Qual a importância deste Museu para a memória da sociedade paraense?
( ) Muito importante ( ) Importante ( ) Pouco importante ( ) Não sei

Por quê?

_____
_____

19. Como você representaria este Museu?

_____
_____

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Programa Institucional de Iniciação Científica – PIBIC/

Fundação Amazônia Paraense – FAPESPA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE)

Eu, EMILLY CRISTINE BARBOSA DOS SANTOS, responsável pela pesquisa MEMÓRIA, PERCEPÇÃO E SOCIABILIDADE EM UM MUSEU DE BELÉM: ESTUDO DA PERCEPÇÃO E INTERAÇÃO DO PÚBLICO FAMILIAR VISITANTE DO PARQUE ZOOBOTÂNICO DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI, no programa de Iniciação Científica do Museu Paraense Emílio Goeldi, sob a orientação da Professora Msc. Ana Cláudia Santos da Silva, estou fazendo um convite para você participar como voluntário deste estudo.

Esta pesquisa pretende identificar as representações do público visitante sobre o Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi para a compreensão do significado deste local como lugar de memória da sociedade paraense. Acreditamos que esta pesquisa é importante para a compreensão das relações entre o público familiar visitante e o Museu Goeldi, e assim é possível perceber como este Museu está presente na memória desse público, evidenciando as formas de realização das redes de sociabilidade entre eles. Para sua realização será feito o seguinte: entrevista com roteiro semiestruturado voltado para a construção da sua memória sobre o Parque do Museu Goeldi e, dessa forma, identificar os significados que você atribui a este lugar, para tanto o entrevistador fará uso do gravador de voz e da máquina fotográfica para o registro deste encontro. Sua participação constará de relatos de sua experiência de visita ao Parque Zoobotânico do Museu Goeldi com sua família em algum momento de sua vida.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato, com algum dos pesquisadores. Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Serão também utilizadas imagens registradas com máquina digital na ocasião da entrevistada ou cedidas pelo entrevistado as quais serão digitalizadas e devolvidas ao cedente.

Verso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE)

ocasião da entrevista ou cedidas pelo entrevistado as quais serão digitalizadas e devolvidas ao cedente.

Autorização:

Eu, Rúbia Camila Macedo da Silva após a leitura **(ou a escuta da leitura)** deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado (a), ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Rúbia Camila Macedo da Silva

Assinatura do Entrevistado

Keliane Souza

Assinatura de uma testemunha

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário para a participação neste estudo.

Emilly Santos

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

---

ocasião da entrevista ou cedidas pelo entrevistado as quais serão digitalizadas e devolvidas ao cedente.

Autorização:

Eu, Eden da Silva Pereira após a leitura **(ou a escuta da leitura)** deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado (a), ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Eden da Silva Pereira

Assinatura do Entrevistado

Adriana Célia da S.C. Branco

Assinatura de uma testemunha

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário para a participação neste estudo.

Emilly Santos

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

---

ocasião da entrevista ou cedidas pelo entrevistado as quais serão digitalizadas e devolvidas ao cedente.

Autorização:

Eu, Adriana Célia da Silva Castelo Branco após a leitura **(ou a escuta da leitura)** deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado (a), ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

ASC Branco

Assinatura do Entrevistado

Marcia Santos

Assinatura de uma testemunha

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário para a participação neste estudo.

Emilly Santos

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

---

ocasião da entrevista ou cedidas pelo entrevistado as quais serão digitalizadas e devolvidas ao cedente.

Autorização:

Eu, Dulcia Mayara Menezes de Lima após a leitura **(ou a escuta da leitura)** deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado (a), ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Dulcia Mayara Menezes de Lima

Assinatura do Entrevistado

Keliane Souza

Assinatura de uma testemunha

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário para a participação neste estudo.

Emilly Santos

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

ocasião da entrevista ou cedidas pelo entrevistado as quais serão digitalizadas e devolvidas ao cedente.

Autorização:

Eu, Henrique Leonardo de moraes Ramos após a leitura **(ou a escuta da leitura)** deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado (a), ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Assinatura do Entrevistado

Edna Fast

Assinatura de uma testemunha

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário para a participação neste estudo.

Emilly Santos

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

---

ocasião da entrevista ou cedidas pelo entrevistado as quais serão digitalizadas e devolvidas ao cedente.

Autorização:

Eu, Paulo Raimundo da Silva após a leitura **(ou a escuta da leitura)** deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado (a), ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

x

Assinatura do Entrevistado

x Edna Santos

Assinatura de uma testemunha

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário para a participação neste estudo.

Emilly Santos

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

---

ocasião da entrevista ou cedidas pelo entrevistado as quais serão digitalizadas e devolvidas ao cedente.

Autorização:

Eu, Ana Célia Bentes após a leitura **(ou a escuta da leitura)** deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado (a), ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Assinatura do Entrevistado

Edna Fast

Assinatura de uma testemunha

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário para a participação neste estudo.

Emilly Santos

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

---

ocasião da entrevista ou cedidas pelo entrevistado as quais serão digitalizadas e devolvidas ao cedente.

Autorização:

Eu, Oneide Maria Bastelle Barros após a leitura **(ou a escuta da leitura)** deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado (a), ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Oneide Ma Bastelle Barros.

Assinatura do Entrevistado

Assinatura de uma testemunha

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário para a participação neste estudo.

Emilly Santos.

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

ocasião da entrevista ou cedidas pelo entrevistado as quais serão digitalizadas e devolvidas ao cedente.

Autorização:

Eu, Hadyfernan Cristina de Castro Bezerra após a leitura **(ou a escuta da leitura)** deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado (a), ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Assinatura do Entrevistado

Assinatura de uma testemunha

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário para a participação neste estudo.

Emilly Cristine B. dos Santos

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

ocasião da entrevista ou cedidas pelo entrevistado as quais serão digitalizadas e devolvidas ao cedente.

Autorização:

Eu, Manoel Anildo Ferreira Brasil após a leitura **(ou a escuta da leitura)** deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado (a), ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Assinatura do Entrevistado

Assinatura de uma testemunha

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário para a participação neste estudo.

Emilly Cristine B. dos Santos.

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE